

raven – noites de florença
sylvain reynard

Tradução de Ester Cortegano

À cidade de Florença
e aos meus leitores,
com gratidão.



Primavera, Sandro Botticelli, c. 1482.
Galleria degli Uffizi, Florença.

Prólogo

*Maio de 2013
Florença, Itália*

No alto da cúpula de Brunelleschi, erguia-se um vulto solitário na sombra lançada pela cruz e o globo dourados. As suas vestes pretas fundiam-se com a escuridão que o rodeava, tornando-o invisível para as pessoas em baixo.

Não que as pessoas em baixo o pudessem ver.

Daquele ponto de observação, as pessoas pareciam-lhe formigas. E era isso mesmo que representavam para ele: uma irritante, ainda que necessária, presença na sua cidade.

A cidade de Florença pertencia-lhe há quase setecentos anos. Quando ali residia, passava sempre os momentos que antecediavam o pôr do sol, naquele mesmo lugar, a observar o seu reino com orgulho luciferino. Ali estava o trabalho das suas mãos, o fruto do seu labor, e ele exercia o seu poder sem piedade.

Era dono de uma força considerável, ampliada pelo seu intelecto e a sua paciência. Séculos tinham passado perante os seus olhos, mas ele permanecia constante. O tempo era um luxo que possuía em abundância, e nunca se mostrava apressado na sua sede de vingança. Tinham decorrido mais de cem de anos desde que lhe fora roubada uma das suas mais preciosas riquezas. Esperara que voltasse a aparecer, e assim acontecera. Naquela noite, devolvera a coleção de ilustrações ao seu acervo pessoal, com a sofisticada segurança da galeria Uffizi a não lhe causar mais do que uma superficial inconveniência.

Era por isso que se erguia agora em triunfo contra o céu a escurecer, como um príncipe Médicis, a olhar Florença do alto. Cheirou a chuva no

ar quente enquanto ponderava no destino dos que tinham sido responsáveis pela aquisição das suas ilustrações roubadas. Tencionara matá-los dois anos antes, mas fora impedido por uma cansativa tentativa de assassinato. A guerra que se seguira entre os submundos de Florença e Veneza tinham-no mantido ocupado desde então. Ele vencera a guerra, conseguindo anexar Veneza e todos os seus territórios. E a sua presa regressara finalmente à cidade. Agora chegara a altura de se vingar.

Tinha tempo suficiente para planear os assassínios, por isso deixou-se ficar ali, a gozar o seu sucesso, enquanto uma morna chuva persistente começava a cair. As formigas em baixo dispersaram-se, correndo em busca de abrigo. Em breve, as ruas esvaziavam-se de seres humanos.

Apertou com mais força a caixa debaixo do braço, lembrando-se de que as suas ilustrações precisavam de estar num lugar seco. Num piscar de olhos, desceu os tijolos vermelhos até uma semicúpula inferior, antes de saltar para o chão e atravessar em voo a praça. Pouco depois estava a subir ao telhado da Arciconfraternita della Misericordia, um velho edifício adjacente.

Em tempos, teria servido a Arciconfraternita, juntando-se à sua missão de caridade em vez de os tratar como um obstáculo. Mas desde 1274 que não era piedoso. Na sua nova forma, esse conceito nunca entrava na sua consciência.

Algumas horas mais tarde, voava por cima dos telhados a grande velocidade, esquivando-se às gotas de chuva enquanto se dirigia para a ponte Vecchio. O cheiro a sangue encheu-lhe as narinas. Havia mais do que um *vintage*, mas o odor que atraiu a sua atenção era jovem e indizivelmente doce. O que fez ressuscitar nele memórias esquecidas, imagens de amor e perda.

Outros monstros já se moviam na escuridão: vinham de todas as partes da cidade e corriam para o lugar onde sangue inocente clamava do chão.

Mudou de direção e aumentou de velocidade, voando para a ponte Santa Trinita. A sua forma negra esfumou-se contra o céu noturno enquanto ele saltava de telhado em telhado.

Enquanto corria, a questão predominante na sua mente era: *Quem a apanharia primeiro?*

Capítulo 1

As ruas de Florença estavam quase desertas, à uma e meia da manhã.
Quase.

Havia alguns turistas, também uns florentinos, grupos de jovens em busca de diversão, pessoas sem-abrigo a pedir, e Raven Wood, a coxear lentamente ao longo da rua irregular que saía da galeria Uffizi para a ponte Santa Trinita.

Raven estivera numa festa com colegas da galeria e declinara estupidamente boleia para casa. Patrick oferecera-se para a levar, uma vez que ela tinha a sua *Vespa* na oficina, mas Raven sabia que o amigo não queria sair da casa da Gina. Havia meses que alimentava uma paixão secreta por ela. Naquela noite, parecia ter conseguido atrair a sua atenção.

Marginalmente.

Raven não tivera coragem para separar os potenciais amantes. Embora aceitasse que o amor não lhe estava destinado, deliciava-se secretamente com as vidas amorosas dos outros, especialmente as dos seus amigos. Por isso insistira em voltar para casa sozinha. Foi assim que acabou por ir a pé, com a ajuda da bengala, para o seu pequeno apartamento em Santo Spirito, do outro lado do rio.

Mal sabia que a sua decisão de recusar a boleia para casa teria vastas consequências para ela própria e para os amigos.

Os colegas assumiam erradamente que coxeava devido a um problema de nascença na perna, e, por isso, por uma questão de delicadeza, não falavam no assunto. Ela sentia-se grata por aquele silêncio, uma vez

que o seu mancar ocultava um negro segredo que não estava disposta a revelar.

Não pensava no problema como uma incapacidade. Considerava-o antes como uma ligeira deficiência. A sua perna direita era um pouco mais curta do que a outra e o pé virava ligeiramente para fora, num ângulo pouco natural. Não conseguia correr e sabia que era doloroso vê-la caminhar. Pelo menos tentava que a omnipresente bengala fosse atraente, decorada com extravagantes desenhos feitos pela sua própria mão artística. Dizia, na brincadeira, que era o seu namorado e chamava-lhe *Henry*.

Algumas mulheres poderiam ter receio de andar pelas ruas de Florença àquela hora, mas não Raven. Raramente atraía atenções, para além dos olhares indelicados na direção da sua perna. Muitas vezes, com efeito, as pessoas passavam como se fosse invisível, quase chocando com ela.

Isso devia-se provavelmente à sua aparência. Os mais educados poderiam caracterizar a sua silhueta como rubenesca, se a conseguissem distinguir por baixo das roupas demasiado largas. Aos olhos modernos, seria vista como tendo excesso de peso, os quilos a mais cobertos pelas roupas vários tamanhos acima e ténis gastos que pouco acrescentavam ao seu metro e sessenta e cinco de altura. O cabelo era escuro, quase tão escuro como uma asa de corvo, e estava descuidadamente apanhado num rabo de cavalo que lhe varria os ombros. Em comparação com as muitas mulheres atraentes e bem vestidas que habitavam Florença, ela era considerada banal.

Mas os seus olhos eram belos, grandes e profundos, e quase de um verde-absinto. Infelizmente, nunca ninguém reparava neles, escondidos como estavam por detrás dos grandes óculos de armações escuras. Não que Raven se tivesse sentido confortável com qualquer atenção. Usava os óculos para se distanciar das pessoas, trocando-os pelos de ver ao perto que lhe auxiliavam, de facto, a visão, quando era necessário.

Quando se aproximou da ponte Santa Trinita do lado de Lungano degli Acciaiuoli, praguejou por não ter levado um chapéu de chuva. A chuva era suficiente para esvaziar as ruas e a ponte de peões, mas não para a encharcar. Optou por não procurar abrigo e continuou a andar como fazia tudo o resto — com teimosa determinação.

Viu um trio de homens de mau aspeto a aproximar-se da ponte na sua frente, vindo da Via de Tornabuoni. Não pareciam incomodados

com a chuva, e as suas vozes eram sonoras e roufenhas, os passos vacilantes. A visão de bêbados no centro da cidade não era incomum, mas Raven abrandou o passo. Conhecia demasiado bem a imprevisibilidade de um ébrio.

Agarrou com mais força a mochila velha e gasta enquanto continuava a avançar para a ponte. Foi nesse momento que viu Angelo.

Angelo era um sem-abrigo que passava os dias e as noites a pedir moedas. Raven costumava vê-lo quando ia a caminho da Uffizi. Parava sempre para o cumprimentar e para lhe dar dinheiro ou alguma comida. Sentia uma certa afinidade com ele por ambos usarem bengala. Angelo sofria também de uma deficiência mental, o que fazia aumentar a sua compaixão.

Enquanto avançava, o seu olhar viajou de Angelo para os bêbados. Uma terrível sensação de medo invadiu-a.

— Boa-noite, amigos! — O italiano de Angelo perfurou a noite chuvosa. — Umas moedinhas, por favor.

A alegre esperança na voz dele fez com que Raven sentisse a barriga contrair-se. Conhecia o cruel destino da esperança, quando era infundada.

Começou a mancar mais depressa, com os olhos fixos no amigo e a rezar para não tropeçar e cair. Estava quase na ponte quando viu Angelo levantar as mãos e gritar.

O homem mais alto estava a urinar em cima dele. Angelo tentou desviar-se, mas o homem seguiu-o. Os outros aplaudiam.

Raven não ficou chocada. Angelo era um sem-abrigo, sujo, aleijado e de raciocínio lento. Qualquer uma destas características teria despertado qualquer crueldade latente nos homens florentinos.

Sentiu gritos de protesto borbulharem-lhe pela garganta acima. Mas não abriu a boca.

Devia intervir. Sabia-o. O mal florescia quando as pessoas boas se limitavam a passar sem dizer nada.

Raven continuou a andar.

Estava cansada depois do longo dia de trabalho e da festa na casa de Gina. Estava ansiosa por regressar ao seu pequeno e sossegado apartamento na *piazza* Santo Spirito. Ao mesmo tempo, estava consciente dos gritos de Angelo e dos risos e palavrões dos homens.

O tipo mais alto acabou de urinar com um floreado e regressou

ao confinamento das suas calças de ganga. Depois, sem aviso, ergueu uma bota e pontapeou Angelo nas costelas. Ele soltou um grito de dor e deixou-se cair no chão.

Raven parou.

Os outros homens imitaram o primeiro e começaram a dar pontapés ao pedinte, sem atender aos seus gritos. O sangue jorrava-lhe da boca enquanto ele se contorcia no passeio.

— Parem! — O sonoro grito em italiano encheu os ouvidos de Raven. Por um instante, ela sentiu-se contente por alguém, fosse quem fosse, ter vindo em socorro de Angelo.

Mas o contentamento transformou-se em horror quando os homens pararam e olharam na sua direção.

— Parem! — repetiu, num tom muito mais baixo.

Os homens trocaram olhares e o maior disse qualquer coisa trocista aos companheiros. Começou a andar na sua direção.

À medida que se aproximava, Raven viu que ele tinha ombros largos e era alto, com a cabeça rapada, os olhos sombrios. Resistiu à vontade de recuar.

— Desaparece. — O homem fez-lhe um aceno para se ir embora.

Os olhos verdes de Raven desviaram-se rapidamente para o local onde Angelo estava deitado, enrolado numa bola.

— Deixe-me ir ajudá-lo. Ele está a sangrar.

O homem careca olhou por cima do ombro para os seus companheiros. Como que num desafio, um deles desferiu outro pontapé na barriga de Angelo.

Os gritos do amigo encheram os ouvidos de Raven até, finalmente, ele cair num silêncio sinistro.

Com um sorriso predador, o homem careca virou-se para ela. Apontou na direção de onde a vira chegar.

— Foge.

Raven contemplou ainda tentar chegar perto de Angelo, mas decidiu não o fazer. Não teria hipótese de atravessar a ponte para chegar a casa. O homem careca bloqueara-lhe o caminho.

Começou a recuar, o passo vacilante.

O homem seguiu-a. Agitou os braços e arrastou a perna direita numa exagerada imitação da sua forma de caminhar. Um dos amigos gritou qualquer coisa sobre Quasimodo.

Resistindo ao impulso de chamar monstros àqueles homens, ela deu meia-volta, a tentar andar mais depressa. Os sons de passos apressados ecoaram nos seus ouvidos. Os companheiros do homem tinham deixado Angelo e vinham atrás dela.

Ouviu um deles comentar que era feia — demasiado feia para a foderem.

Os outros riram-se.

Depois outro observou que a podiam foder por trás. Assim não teriam de lhe ver a cara.

Raven tentou fugir, procurando em vão por alguém que a socorresse. As margens do Arno pareciam desertas.

— Não andes tão depressa! — O sarcasmo de um dos homens foi recebido com gargalhadas dos outros.

— Para, anda brincar connosco — gritou outro.

— Ela parece estar com vontade.

Raven acelerou ainda mais, mas eles não demoraram a alcançá-la, e cercaram-na como lobos em volta de um gamo ferido.

— E agora? — perguntou o mais baixo dos três homens, a olhar para os outros.

— Agora vamos divertir-nos. — O careca, que era evidentemente o líder do bando, sorriu para Raven. Arrancou-lhe a bengala da mão e atirou-a para o meio da estrada.

Outro homem tirou-lhe a mochila, puxando-lha do ombro.

— Devolva-me isso! — gritou ela, precipitando-se para ele.

Divertido, o homem atirou a mochila para um dos companheiros, por cima da cabeça dela.

Raven tentou recuperá-la, mas a mochila foi de novo lançada por cima da sua cabeça. Os homens foram trocando a mochila entre si durante vários minutos, a provocá-la e a gozar enquanto a rapariga suplicava que lha devolvessem. Eles não o podiam saber, mas ela tinha o passaporte e todos os seus documentos importantes ali dentro.

Não podia fugir. A sua deficiência impedia-o. Sabia que, se tentasse chegar à bengala, eles limitar-se-iam a apanhá-la e a atirá-la, possivelmente, para o Arno. Virou-se e começou a afastar-se a coxear, voltando para a ponte Vecchio.

Um dos homens atirou com a mochila para o lado.

— Agarrem-na — disse.

Raven tentou mover-se mais depressa, mas já estava a manquejar o mais depressa que conseguia. Os homens seguiram-na, alcançando-a em três passos.

Assustada, ela olhou por cima do ombro. Naquele momento, a ponta do pé prendeu-se numa falha na estrada e ela tropeçou. Sentiu uma dor percorrer-lhe as mãos e os braços quando tentou amparar a queda.

O homem careca aproximou-se e agarrou-a pelo cabelo. Ela gritou quando ele lhe arrancou o elástico do rabo de cavalo. O longo cabelo preto caiu-lhe em volta dos ombros.

Ele fê-la levantar puxando-a pelo cabelo e enrolando-o à volta da mão.

Raven olhou em volta a tentar encontrar uma forma de escapar ou alguém que a ajudasse, mas, em poucos segundos, o homem estava a arrastá-la para o outro lado da estrada e a enfiar-se numa viela. A viela era tão estreita que, com os braços abertos, ela quase conseguiria tocar nas duas paredes ao mesmo tempo.

Ficou sem forças nas pernas e caiu para a frente.

Com um palavrão, ele soltou-a.

Raven gemeu quando caiu de joelhos pela segunda vez, as mãos arranhadas e a sangrar. Um fedor invadiu-lhe as narinas. Alguém usara a viela como casa de banho.

Tossiu, a esforçar-se para não vomitar.

O homem careca agarrou-a pelo cotovelo e puxou-a mais para o interior da viela.

— Levanta-te — ordenou.

Ela tentou recuar, mas ele agarrou-a pelo outro cotovelo. Ela contorceu-se, virou-se para o outro lado e começou a pontapear freneticamente. O homem praguejou e ela recuou atabalhoadamente, querendo levantar-se.

De súbito, ele agigantou-se na sua frente, agarrou-a pelo braço e puxou-a contra si. Sem aviso, esmurrou-a com o punho fechado, partindo-lhe os óculos e o nariz. O sangue jorrou, caindo em gordas gotas pelo chão.

Ela uivou de dor, arrancando os óculos partidos do rosto. As lágrimas brotaram-lhe dos olhos enquanto ela cobria a face com uma mão, a esforçar-se para respirar pela boca.

O homem ergueu-a com um puxão e virou-a contra a parede.

Raven viu estrelas, a dor a fulminar-lhe a testa.

O mundo começou a girar e tudo se tornou mais lento quando dois dos homens lhe comprimiram o peito contra a parede, prendendo-lhe os braços abertos dos lados. O líder colocou-se atrás dela e levantou-lhe a camisa.

Os dedos rudes subiram pela sua pele nua até lhe encontrarem o soutien. Ele apertou-lhe os seios, enquanto fazia uma piada cruel. Os companheiros pareciam estar a encorajá-lo, mas Raven já não conseguia compreender as palavras que diziam.

Sentia-se como se estivesse debaixo de água. Sentia a cabeça a explodir, tinha dificuldade em respirar e tentou não sufocar no sangue que lhe escorria pela garganta.

O homem desapertou a braguilha e pressionou-se contra as costas dela, ao mesmo tempo que com a mão lhe contornava a cintura. Com um movimento rápido dos dedos, desabotoou-lhe as calças.

Ela contorceu-se quando a mão se enfiou dentro das calças.

— Pare! Por favor. *Por favor.*

Os gritos arrastados e desesperados de uma jovem chegaram aos ouvidos do príncipe. Conseguia pressentir à distância a aproximação de Lorenzo, o seu tenente, e Gregor, o assistente. Outros dos da sua raça também não estavam muito longe.

O príncipe acelerou o passo, não querendo partilhar a fonte do mais doce *vintage* que cheirara em séculos. O perfume parecia-lhe quase familiar, tanto que o desejo já exacerbado se misturava com uma sensação de nostalgia. Uma nostalgia em que não tinha qualquer vontade de se demorar.

A astúcia e a prudência de que era dotado tinham-no servido eficazmente, permitindo-lhe sobreviver enquanto outros tinham sido enviados para qualquer que fosse o Além que abominações como ele mereciam. Nunca agia sem cautela, razão pela qual parou na berma de um telhado e espreitou a viela em baixo.

O espaço apertado era iluminado por um único candeeiro. Viu uma jovem a ser dominada por três homens, um dos quais estava a molestá-la por trás, de braguilha aberta, a friccionar o membro rígido contra ela.

Os outros homens incitavam-no, enquanto a prendiam contra a parede como numa crucificação.

A imagem não o deixou indiferente.

Teria sido fácil para o príncipe arrebatá-la a vítima aos seus atacantes e levá-la dali, descendo para outra viela escura para a despojar do seu tesouro.

Fechou os olhos por um momento, a inalar profundamente, e foi tolhido por uma recordação: uma mulher seminua deitada aos pés de uma parede de pedra, o corpo quebrado, a inocência roubada, o sangue a clamar-lhe do chão...

Vingança.

O seu apetite por comida foi rapidamente substituído por um apetite maior, um apetite que fora alimentado ao longo dos séculos pela fúria e a mágoa. As ilustrações com que tivera tão grande cuidado ao roubar caíram-lhe das mãos quando ele saltou do telhado.

— Mas o que... — O homem estava morto antes de conseguir terminar a frase, a cabeça arrancada do corpo e atirada despreocupadamente para o lado como uma bola de futebol.

Os outros soltaram a mulher e tentaram fugir, mas o príncipe apanhou-os sem dificuldade e enviou-os para o inferno com uns poucos movimentos hábeis.

Quando se virou para reclamar a sua presa, descobriu-a caída no chão, o doce aroma do seu sangue pesado no ar. Ela parecia inconsciente, os olhos fechados, o rosto sovado.

— *Cassita vulneratus* — sussurrou-lhe ele, agachando-se ao seu lado.

Ela abriu os grandes olhos verdes e fitou-o por entre as gotas da chuva.

— Uma rapariga. Que desilusão. — Uma voz de mulher quebrou o silêncio. — Pelo cheiro, pensei que era uma criança.

O príncipe virou-se para deparar com quatro dos seus cidadãos atrás de si — Aoibhe, uma mulher alta com longo cabelo ruivo, e três homens, Maximilian, Lorenzo e Gregor. Todos tinham rostos pálidos e olhavam com um ar esfomeado na direção de Raven, mas não antes de fazerem uma vénia ao seu príncipe.

— Como é que uma iguaria como esta passou despercebida? Se a tivesse cheirado na rua, já a tinha apanhado. — Aoibhe deu uns passos

em frente, com a sua postura régia e elegante. — Venham, então. Ela tem idade suficiente, e é fácil de partilhar. Não bebo um *vintage* tão doce como este desde que me alimentei de crianças inglesas.

— Não. — A voz do príncipe era baixa. Moveu-se quase impercivelmente, colocando-se entre a rapariga e os outros, obscurecendo a sua visão.

— Decerto, príncipe, não nos vai recusar isto. — Maximilian, o homem mais alto, acenou na direção das várias partes dos corpos dos três mortos. — Os outros estão mortos, e cheios de vícios.

— Está um cadáver impoluto junto à ponte. Podem ficar com ele, com os meus cumprimentos. Mas tenho o direito sobre esta rapariga. — A voz do príncipe era baixa, mas continha subjacente uma nota de aço.

— Esta presa já é quase um cadáver — bradou Aoibhe. — Estou a ouvir o coração dela fraquejar.

Em reação a estas palavras, o príncipe virou-se para a rapariga. Viu-a de olhos fechados e a respiração irregular.

— Que confusão que aqui está! — exclamou um dos outros homens, o seu italiano misturado com pronúncia russa. Deu um passo em frente e examinou os corpos dos atacantes da rapariga, aproximando-se perigosamente da sua vítima.

Um rugido escapou da garganta do príncipe.

O russo parou abruptamente.

— Perdão, meu senhor. — Cauteloso, deu um passo atrás. — Não queria faltar-lhe ao respeito.

— Atenção ao perímetro, Gregor. Se ninguém quiser os outros cadáveres, remove-os.

O jovem assistente apressou-se a saltar para a estrada.

— Nem um selvagem ia querer beber destes corpos. — Todos os outros se viraram para olhar para Maximilian, concentrado nos homens mutilados.

Os seus olhos desviaram-se para o amo e semicerraram-se.

— Pensei que o príncipe não matava para se divertir.

— *Cave*, Maximilian. — A voz do príncipe era ameaçadora.

— Estás a desafiar a matança? — Lorenzo, o tenente do príncipe, adiantou-se.

Uma evidente tensão pairou no ar com o som destas palavras. Todos olharam para Maximilian, à espera da sua resposta.

Ele olhou de relance para o príncipe, depois para a rapariga a sangrar e de novo para o seu amo, os olhos azuis absortos.

— Se o príncipe nunca mata por prazer, porque é que aqueles homens estão mortos? Ele podia facilmente tê-la roubado.

— Basta! — Aoibhe soava impaciente. — Ela está a morrer e vocês a perder tempo.

— Foi o príncipe que decretou as leis contra a matança indiscriminada. — Maximilian deu um passo em frente. Os seus olhos desviaram-se rapidamente para Lorenzo, depois fixaram-se no príncipe.

Aoibhe colocou-se na frente dele, a sua figura alta a parecer diminuir em comparação ao enorme tamanho do homem.

— Vais desafiar o príncipe da cidade por causa disto? Estás louco?

Maximilian fez um gesto, como se a fosse empurrar para o lado.

Num relâmpago, a ruiva agarrou-lhe o braço esquerdo, torcendo-lho por detrás das costas e deslocando-lhe o ombro com um nauseante estalido.

— Nunca mais me levantes a mão. Se é que não queres ficar sem ela. — Obrigou-o a ajoelhar-se, colocando um pé calçado de veludo em cima das suas costas.

Maximilian cerrou os dentes.

— Alguém se importa de tirar esta harpia de língua bifurcada de cima das minhas costas?

— Aoibhe. — A voz do príncipe era baixa mas autoritária.

— Eu só quero verificar se este cavaleiro prussiano compreende o que estou a dizer. O italiano dele é muito... fraco.

— Larga-me, sua bruxa miserável! — rosnou ele, a tentar livrar-se da mulher.

— Com prazer. — Aoibhe soltou o colega com uma corrente de pragas irlandesas e o mesmo número de ameaças.

Max levantou-se, levando o ombro ao lugar com um gemido e fazendo rodar o braço.

— Já que parece que sou o único interessado nas leis desta cidade, retiro o desafio. — Fez uma pausa, como se esperasse que mais alguém quisesse falar.

Ficaram todos em silêncio.

— Finalmente. — Aoibhe virou de novo a sua atenção para o príncipe, que se aproximara mais da sua presa, as costas contra a parede.

— Este *vintage* excepcional está no seu último suspiro. Se é para ser tomada, tem de ser agora. Vais partilhá-la?

Num impulso, o príncipe puxou a rapariga para os seus braços e, com um rápido movimento, saltou para o telhado, deixando os concidadãos para trás.

Capítulo 2

Cassita vulneratus.

Raven acordou sobressaltada.

Ouvira uma voz desconhecida a sussurrar-lhe ao ouvido. Mas claro que não estava mais ninguém no seu pequeno quarto. Não se lembrava do que a voz dissera nem se lhe falara em inglês ou italiano. Alguma coisa lhe dizia que não fora em nenhuma dessas línguas, mas não passava de um sonho, afinal. Já lhe acontecera sonhar em latim, em algumas ocasiões.

Pestanejou, encandeada com o jorro de luz do Sol. Não costumava deixar as persianas do quarto abertas, mas era assim que elas se encontravam. (Não que Raven se concentrasse na anomalia.)

Tivera o mais estranho dos sonhos, mas a única coisa que conseguia recordar era um vórtice de cores e emoções em turbilhão. Como artista, não era para ela surpreendente pensar e sonhar a cores. Mas era estranho que a sua memória, de um modo geral tão aguçada como uma faca, parecesse agora amorfa.

A bocejar, lançou as pernas para fora da cama, cuja estreiteza era um testemunho do seu estatuto de solteira, e dirigiu-se para o computador portátil. Abriu a aplicação de música e pôs a tocar o seu álbum preferido dos Mumford and Sons.

Quando entrou na casa de banho, não se deu ao trabalho de olhar para o espelho pendurado por cima do lavatório. O espelho tinha apenas a largura suficiente para lhe mostrar a sua melhor característica — o rosto. Mas até essa característica Raven evitava ver.

Depois das suas abluções matinais, foi para a minúscula cozinha do apartamento de um só quarto e começou a preparar o café.

Parecia-lhe sábado ou domingo, mas ela tinha a certeza que precisava de ir trabalhar. Assaltada por uma súbita ansiedade, deu uns passos para a esquerda e espreitou para o quarto. Quando viu a mochila ao lado da mesinha que usava como secretária, soltou um suspiro de alívio.

Ia beber o café e consultar o *email*, como era seu costume, e depois perceber que dia era. De acordo com o relógio na parede, eram sete da manhã.

Encostou-se à bancada. Foi então que reparou que uma coisa tinha mudado.

A antiquada camisa de dormir que tinha sobre o corpo devia ter chamado a sua atenção, já que não lhe pertencia. Mas não chamou. Em vez disso, ela concentrou-se no que era visível por baixo da bainha da camisa. O seu pé direito, normalmente virado para o lado, estava simétrico com o esquerdo, algo que não acontecia há mais de uma década.

Estacou. Ela não devia ter sido capaz de caminhar desde o quarto até à casa de banho e depois até à cozinha sem a sua bengala. Não devia ter sido capaz de ficar parada sobre os dois pés sem sentir dor. E, no entanto, fora exatamente isso que acontecera.

Raven quase se deixou cair no chão de choque, mas estava demasiado ocupada a erguer o pé anteriormente magoado e a experimentar rodar o tornozelo. Repetiu o movimento com o esquerdo. Cada pé movia-se com perfeita facilidade e sem desconforto.

Foi ao quarto e regressou. Conteve a respiração e saltou.

De braços bem abertos, deu uns passos de corrida no mesmo sítio, num louco, entusiástico, triunfo perante aquilo que sabia ser impossível.

Um milagre.

Raven não acreditava em milagres, nem em quaisquer deidades que pudessem produzir aquilo. Fechou os olhos, a tentar conjurar qualquer recordação da noite anterior — qualquer coisa que lhe servisse de pista para aquela súbita, extraordinária transformação. Para além da voz baixa cujas palavras não conseguia perceber, não tinha nada a que se agarrar.

Talvez ainda esteja a dormir.

Como que para testar a sua hipótese, esticou os membros inferiores e posicionou-se num instável, amador, arabesco. Manteve a posição o máximo que conseguiu, gozando as memórias musculares há tanto

tempo esquecidas. Quando, finalmente, perdeu o equilíbrio e pôs ambos os pés no chão, quase chorou. O pé e a perna direitos tinham feito o que ela lhes pedira, finalmente. Todo o dano que lhe tinha sido infligido naquela terrível, terrível noite fora curado.

Ouviu a máquina do café a vibrar e depois a derramar sobre o fogão, e correu para desligar o gás. Abrindo o pequeno frigorífico, retirou uma embalagem de leite.

Olhou de relance para o rótulo e leu-o com facilidade. Os seus olhos abriram-se mais. Virou a embalagem nas mãos, leu as letras mais pequenas. Pestanejou e levou a mão ao rosto, para verificar se tinha posto os óculos para ler.

Não tinha.

Sem os seus óculos de ver ao perto, não devia ter sido capaz de distinguir as palavras impressas debaixo do rótulo. Mas elas eram claramente visíveis.

Isto não pode estar a acontecer. Estou com alucinações.

Raven pôs o leite na bancada e correu para a casa de banho.

Refletida no espelho, viu uma mulher desconhecida e gritou.

A mulher tinha um longo cabelo preto e lustroso. Os seus olhos eram de um verde cintilante, e a face era linda e oval, com as maçãs do rosto bem altas. Era o tipo de rosto, pensou Raven, que merecia ser pintado. De facto, a imagem fê-la lembrar a atriz Vivien Leigh.

Deu um salto para trás, assustada.

A mulher fez o mesmo.

Desviou-se para a direita.

Tal como a mulher.

Levou um momento a perceber que a mulher no espelho era o seu reflexo.

Estupefacta, levou a mão à cara, às maçãs do rosto, à boca, com o lábio inferior mais cheio.

Raven conhecia-se, sabia como era — banal, com excesso de peso e uma perna que não funcionava muito bem. E, no entanto, o que via agora era uma linda jovem com duas pernas completamente funcionais.

Estaria a alucinar?

Mas os meus sentidos parecem estar a funcionar. Consigo ouvir, tocar, ver e cheirar.

Seria a sua anterior aparência, o seu problema na perna, um

pesadelo? Dirigiu-se para o hall e espreitou para dentro do quarto, que estava decorado com reproduções emolduradas da *Primavera* e do *Nascimento de Vénus* de Botticelli, juntamente com fotografias pessoais. Fotografias dela com a irmã, Carolyn, fitaram-na da estante, confirmando a sua anterior aparência.

Raven não acreditava em milagres nem no sobrenatural. Não acreditava em nada que não pudesse ser investigado pela ciência. Tinha de estar com alucinações. Não havia outra explicação científica.

Tentou recordar o que tinha feito no dia anterior. Lembrava-se de ter ido trabalhar, mas não conseguia recordar mais nada depois disso. E se tivesse sido drogada?

Se regressasse ao trabalho, talvez os amigos a pudessem ajudar. Se estivesse doente, eles poderiam levá-la ao médico. E, se tivesse sido drogada...

Raven puxou a camisa de dormir por cima da cabeça, parando para examinar o tecido. Parecia ser feita de algodão que já fora branco mas estava agora amarelecido. O decote era debruado com uma renda intrincada e uma fita de um rosa desmaiado. Uma fileira de antigos botões de pérola pontuava a parte da frente, desde o decote até à cintura. Em resumo, não só a camisa de dormir não lhe pertencia, como parecia saída do século passado.

Agora estava nua, ao lado do espelho.

Foi buscar um pequeno banco à cozinha e subiu para cima dele.

Raven nunca olhava para o corpo nu. Era uma visão que evitava cuidadosamente. Mas, naquela manhã, praguejou contra o facto de o seu único espelho ser tão pequeno.

A sua pele estava macia e perfeita, a superfície limpa de cicatrizes ou estrias. Os seios estavam mais firmes, bem altos no seu peito. A silhueta era uma ampulheta, com a cintura fina, as ancas a encurvar suavemente para os lados.

Contorceu-se em cima do banco para conseguir ver melhor as ancas e o traseiro. A celulite estava marcadamente ausente das suas coxas.

Não sei o que me deram, mas tem de ter sido uma droga muito potente.

Temendo ter sido atacada, Raven examinou a pele em busca de quaisquer sinais de traumatismos. Não encontrou nada.

Abriu cautelosamente as pernas, enfiando a mão entre elas para

verificar se existia alguma dor. Suspirou de alívio quando tudo lhe pareceu normal.

Claro, se estou a alucinar o meu aspeto, também posso estar a alucinar a ausência de traumatismos.

Raven perguntou-se se todas as vítimas de alucinações eram tão razoáveis, e, mais uma vez, atribuiu ambos os efeitos à droga que já não duvidava ter-lhe sido administrada.

Enfiou o roupão de banho, embora o seu corpo reduzido fosse agora engolido por ele, e pegou no telemóvel, percebendo num instante que estava sem bateria. Dirigiu-se para a secretária com a intenção de ir buscar o carregador. Um olhar de relance para o computador revelou-lhe que era a manhã de segunda-feira. Não percebia como podia ter esquecido um fim de semana inteiro, mas precisava de consultar o seu *email* e despachar-se, se queria chegar ao emprego na Uffizi às oito da manhã.

Engoliu à pressa o seu café e vestiu-se, enfiando um velho par de calças de ioga e uma t-shirt, os únicos artigos no seu limitado guarda-roupa que não lhe ficavam ridiculamente grandes. Penteou-se e escovou os dentes à pressa, desligou a música e enfiou o telemóvel e o carregador dentro da mochila.

Procurou os seus ténis preferidos mas, passado pouco tempo, desistiu, enfiando os pés num par de sapatos pretos confortáveis que tinham sido descuidadamente atirados para dentro do seu roupeiro. Procuraria os ténis debaixo da cama mais tarde.

Consequentemente, não viu a caixa desconhecida que estava escondida debaixo do sítio onde dormira, fora de vista.

Quando trancou a porta do apartamento e saiu para o patamar, viu *Dolcezza*, a gata da sua vizinha.

— *Buongiorno, Dolcezza*. — Raven sorriu para o animal e estendeu uma mão para lhe fazer uma festa.

A gata recuou, a silvar e a arquear as costas.

— *Dolcezza*, o que se passa? — Raven agachou-se, fazendo outra tentativa para acariciar a gata, mas o animal continuou a silvar, com a cauda furiosa a agitar-se de um lado para o outro, e a arremessar as patas para a frente.

Naquele momento, a *signora* Lidia DiFabio abriu a porta do seu apartamento e chamou a gata, que passou pelas suas pernas como se estivesse a ser perseguida por demónios saídos do Inferno.

— Bom-dia. — Raven acenou à vizinha, a perguntar-se como reagiria ela à sua mudança de aspeto.

— Bom-dia, minha querida. — Lidia sorriu.

— Como está?

Lidia esfregou uma têmpora.

— Oh, um pouco cansada. Não me tenho sentido muito bem, nestes últimos dias.

Raven aproximou-se um pouco.

— Posso ajudar nalguma coisa?

— Oh, não. O Bruno vem cá mais logo. Vou só deitar-me um pouco. Tem um bom dia.

Raven fez-lhe um aceno de despedida e desceu as escadas. Estava surpreendida por Lidia não parecer ter reparado no seu aspeto, no seu corpo mais magro. Talvez porque estava sem os óculos.

Mas Raven estava ainda mais espantada com a súbita mudança de temperamento da gata. Sempre se dera muito bem com *Dolcezza*, e muitas vezes dava comida e fazia festas ao animal. A relação entre elas sempre fora amigável.

Normalmente, descia as escadas do seu prédio como uma tartaruga, movendo-se lentamente com a ajuda da bengala. Nessa manhã, desceu-as a correr.

Era libertador poder mover-se sem o fardo do peso a mais e sem a dor que sempre a acompanhava. Sem pensar muito no assunto, fez a correr todo o caminho desde o seu apartamento em Santo Spirito até atravessar a ponte Santa Trinita.

Então estacou.

Angelo, o sem-abrigo normalmente sentado ao lado da ponte, estava ausente.

Raven parou um momento para o procurar, a perguntar-se se ele teria meramente mudado de lugar, mas não o viu em lado nenhum. Os seus pertences, que estavam, de um modo geral, empilhados no seu lugar preferido ao lado da ponte, também tinham desaparecido.

Sentiu um arrepio na nuca. Durante todo o tempo em que vivera em Santo Spirito, encontrara sempre Angelo sentado junto à ponte, de manhã e à tarde.

Tomou uma nota mental para passar pela missão franciscana, que o sem-abrigo por vezes visitava, para ver se o encontrava por lá.

Olhou de relance para o relógio de pulso, percebeu que faltavam poucos minutos para a hora a que devia entrar no trabalho, e continuou a correr para a Uffizi, uma distância de quilómetro e meio. O impacto dos pés no pavimento, o impulso das pernas e joelhos — todas essas sensações foram avidamente saboreadas.

Uma brisa suave acariciou-lhe a face e o cabelo caído por cima dos ombros e da mochila. Sentia-se mais forte, mais ousada, mais confiante. Sentia que lhe fora concedido um novo corpo e um novo aspeto.

A cada passo, ia ficando cada vez menos preocupada com o que causara uma tão dramática inversão da sua má sorte.

Consequentemente, não se apercebeu da misteriosa figura que a vinha a seguir desde que saíra do seu prédio.

Era a manhã mais feliz da sua vida.

Capítulo 3

O príncipe subiu as escadas para o seu quarto no *palazzo* Riccardi, um antigo palácio dos Médicis. Devolvera a cotovia ferida ao mundo dela. Agora tinha de regressar ao seu.

E que mundo era aquele — negro, violento, destrutivo.

Quando entrou no quarto, viu de relance o seu reflexo no espelho e desviou as madeixas de cabelo louro que lhe tinham caído para a testa. Nunca passava muito tempo a mirar-se, apesar de o seu corpo ser muito mais atraente do que fora em vida.

Enganosa é a beleza, e vã a formosura.

Era engraçado como ainda conseguia citar as Escrituras. Era engraçado como, depois de ter sido, em tempos, um servo do Senhor, ele era agora contado entre os inimigos da Igreja.

Franziu o sobrolho, ao pensar num rosto belo com olhos verdes.

Afastou a imagem da sua mente. Interferira, imprudentemente, num assunto humano por causa de uma memória com centenas de anos. Por causa de outro rosto belo com olhos hipnotizantes...

Esfregou o rosto com ambas as mãos. O seu corpo nunca se cansava, mas a mente necessitava de descanso. Naquela manhã, não queria fazer mais nada senão passar horas em silenciosa meditação. Mas isso não seria possível. Cheirara Aoibhe assim que entrara no palácio, e ela estava atrás de si.

— Tens andado a esconder-te. — Falou ao seu antigo amante em inglês, virando-se de lado na grande cama sem a mínima preocupação em cobrir o corpo nu.

(Aoibhe tinha poucas virtudes. A modéstia não estava entre elas.)

A madrugada começava a espreitar no horizonte. Dentro de poucas horas, a cotovia, já não ferida, acordaria no seu apartamento. Mas, naquele momento, o príncipe obrigou-se a esquecê-la e olhou avidamente para a forma nua de Aoibhe, os seus seios firmes e cheios e o longo, tentador, cabelo ruivo.

Lambeu os lábios.

— Bom-dia para ti também. Como é que sabias que eu vinha para aqui?

— Calculei. Passaste dias a fio naquela tua fortaleza impenetrável. Sabia que precisarias de comer, mais cedo ou mais tarde. Nessa altura virias para aqui.

— Pensei que tinha mudado a fechadura. — Puxou as cortinas pretas sobre as janelas. O gesto era para maior conforto dela, não dele.

Sem que os outros soubessem, ele conseguia suportar a luz do Sol.

Aoibhe pousou a cabeça sobre uma mão, e era notável a sua semelhança com uma pintura renascentista.

— E mudaste. Entrei no museu e convenci um dos serviçais a deixar-me subir. Podia ter ido ao teu encontro na fortaleza, mas, como sabes, não consigo passar pelos portões.

O príncipe ignorou o seu tom amuado e franziu os olhos cinzentos.

— O serviçal está morto?

— Claro que não. Apenas... indisposto. — Agarrou numa almofada e atirou-lha. — Não ia matar um dos teus humanos. Pelo menos, sem pedir licença.

Ele praguejou, desviando a almofada para o lado. A sua memória foi atraída para a rapariga dos olhos verdes, encolhida numa viela enquanto Aoibhe lhe suplicava que partilhasse aquele «*vintage* excepcional». A memória, tal como os sentimentos que a acompanhavam, deixaram-no desconfortável.

Virou as costas.

— Os serviçais são fáceis de substituir, mas não é muito conveniente ter de o fazer sempre que um convidado fica com fome.

Aoibhe fez uma pausa, pois detetara a vaga de desconforto que passara pelo rosto do outro um momento antes.

— Não costumavas preocupar-te com eles. Lembro-me de uma vez em que executaste todo o teu pessoal só por um capricho.

O comentário ficou a pairar no ar enquanto ele se dirigia para o antigo roupeiro na parede em frente à cama.

— Eu não tenho caprichos, Aoibhe. Executei-os por uma boa razão, garanto-te. Os empregados são como as roupas. Enquanto me são úteis, fico com eles. Quando passam o prazo da sua utilidade, ponho-os de parte. Talvez seja mais correto dizer que lamento desfazer-me de uma boa peça de roupa. De um serviçal? Nem tanto.

O príncipe removeu o casaco preto e pendurou-o, antes de se sentar numa cadeira a desapertar as botas.

Aoibhe continuava a observá-lo.

— É isto que acho tão curioso em ti. És o mais humano de qualquer um de nós, em muitos aspetos, mas, noutros, és o menos humano.

— Tenho a certeza que existe um elogio aí, algures — replicou ele secamente.

— És o nosso príncipe, mas ninguém sabe como manténs a tua fortaleza segura nem quem foi o teu criador. — Ela baixou a voz. — Nem eu sei quando foste trazido, embora imagine que tenha sido umas centenas de anos antes de mim.

— Isso é uma pergunta? — Falou num tom abrupto enquanto guardava as botas ao lado do roupeiro, evitando o olhar inquisidor de Aoibhe.

— Nós somos amantes. Conta-me os teus segredos — pediu ela num suave murmúrio sedutor.

Ele lançou-lhe um olhar duro.

— Não somos amantes, Aoibhe. Fornicamos de vez em quando, mais nada. — Como que para enfatizar o ponto, levantou-se e tirou a camisa.

A ruiva fechou os olhos e inalou fundo quando o odor dele varreu o quarto.

— Mataste um humano esta noite, mas alimentaste-te de outro. Sinto o cheiro do sangue de alguém em cima de ti e outro diferente dentro de ti.

— Fui surpreendido por um louco quando estava a alimentar-me. Ela abriu os olhos.

— Então porque não aproveitaste a sobremesa?

— Estás a perder o teu sentido do cheiro. Não tenho apetite por violadores. — Ele removeu um relógio *Baume et Mercier* de prata do bolso e atirou-lho.

Ela apanhou-o e admirou a sua elegante simplicidade à luz do candeeiro, antes de o deixar sobre a mesa de cabeceira.

— É uma pena que tenhas sido tu a acabar com ele, já que és tão indiferente aos assuntos humanos. Eu tê-lo-ia feito sofrer.

— Sofreu o suficiente. — Os olhos cinzentos do príncipe cintilaram. — Tu terias gostado. Ele suplicou que não o matasse, confessou os seus desejos mais secretos. Até sujou as calças. — O príncipe sorriu, expondo os dentes brancos e perfeitos. — Disse que se chamava professor Pacciani.

— Os Pacciani produziram um professor? Mal posso acreditar.

(O nome Pacciani era partilhado por um famoso *serial killer* que assombrara Florença durante décadas. Claro, o que os humanos não sabiam é que várias das alegadas vítimas do assassino tinham sido contributo da própria Aoibhe e de outros da sua raça.)

— Mataste um violador. Acabaste com três homens na semana passada para te alimentares daquela rapariga. Isto é um comportamento muito estranho. Porque é que, de repente, te interessas tanto pelos humanos? Deixaste o *serial killer* andar durante anos à solta pela cidade.

Ele ocupava-se das suas meias.

— Eu interfiro quando é no meu interesse.

Aoibhe virou-se na cama para ficar de barriga para baixo, expondo as lindas costas e o traseiro. Atirou o cabelo por cima de um ombro.

— Não foi no teu interesse que desmembraste os homens na viela e deixaste os pedaços a apodrecer.

O olhar do príncipe voou para o dela.

— Gregor tratou dos cadáveres.

— Podias tê-los afugentado, ou usado o teu controlo mental. — Ela estudou-o com curiosidade. — Max não foi o único que achou as tuas ações algo peculiares. Tem havido umas conversas entre os membros do Consilium.

Ele fixou-a com os olhos gelados, a expressão ameaçadora.

— Se Maximilian deseja falar, sabe onde pode encontrar-me. E não há de gostar da maneira como a conversa vai terminar.

Ela estremeceu e desviou o olhar.

— Falei a teu favor, claro. Eu teria feito o que fosse preciso para salvar a rapariga, mesmo que isso significasse ter de liquidar os homens. Era requintada. E eles iam desperdiçá-la.

O príncipe não disse nada, mas levantou-se e removeu o cinto de pele com um estalido brusco.

Aoibhe brincou com o lençol enquanto o observava.

— Sabia bem?

Ele enrolou o cinto na mão antes de o arrumar com cuidado na prateleira do roupeiro.

— O meu apetite nunca fica saciado.

Aoibhe riu-se outra vez.

— Precisas de arranjar uma amante... um brinquedo humano para satisfazer as tuas necessidades, dia e noite. Há belas mulheres e belos homens no Teatro. Podias ir escolher.

Ele escondeu a careta virando-se para fechar a porta do roupeiro.

Os músculos do seu peito nu ondulavam a cada movimento, e Aoibhe admirou-os e passou a língua pelos lábios.

— Desde que te conheço, nunca tiveste uma mulher durante muito tempo. Porquê?

Ele virou lentamente a cabeça e trespassou-a com o olhar.

— Os humanos não são para ser apreciados durante muito tempo. Falta-lhes resistência. Além disso, tinha-te a ti.

— Os nossos encontros não têm sido frequentes.

O príncipe premiu o punho fechado contra a porta do roupeiro e cerrou os dentes.

— Tomaste um novo amante humano há menos de um mês. Onde é que ele está, esta manhã? Nu, de joelhos, a limpar o chão do teu palácio, talvez?

Ela deitou-se de costas, os seios expostos, a olhar o intrincado dossel por cima de si.

— Os amantes humanos não têm muita energia. Quase o matei, em menos de uma semana. E ele tem de dormir, de vez em quando.

— Ah, claro. Os humanos têm de dormir. — O príncipe removeu as calças pretas e atirou-as para a cadeira. — Por isso, depois de gozares o corpo dele durante a noite, vens gozar o meu durante o dia. Sinto-me lisonjeado.

Aoibhe virou o rosto para ele.

— Nada se compara com a nossa espécie. E tu sempre foste tão... atencioso. — Os olhos negros demoraram-se no corpo elegante e musculado na sua frente, antes de se fixarem na firmeza do seu traseiro.

— De certeza que nunca tinhas falta de companhia feminina, quando eras humano. Devia haver uma legião de doces e jovens virgens à porta da tua casa, a suplicarem para serem seduzidas.

O príncipe virou-se tão rapidamente que o movimento foi como um borrão, os seus olhos a escurecerem e quase a prendê-la à cama.

— *Cave*, Aoibhe — rosnou.

Ela ergueu as mãos num gesto apologetico.

— Peço desculpa. Esqueci-me de que eras padre.

— Eu não era padre — bradou ele. Atravessou o quarto, plantando os punhos no colchão e inclinando-se sobre ela. — Era um noviço. Tencionas ficar a falar todo o dia ou plantaste-te na minha cama com outro objetivo qualquer?

Ela envolveu-lhe a cintura com um braço, e o seu toque era suave e sensual.

— Estás em Florença há muito mais tempo do que qualquer um de nós e sempre resguardaste o teu passado. Podes censurar-me pelo meu lapso de memória? Sei tão pouco a teu respeito.

Ele lançou-lhe um olhar aceso.

— Sabes o suficiente, ao que parece, para me levares para a cama. Entraste na minha casa, despideste-te, depositaste-te entre os meus lençóis. Vamos tratar disto de uma vez por todas?

— Só um momento, meu príncipe. — Fez-lhe um sorriso paciente. — Serviste a Igreja. Vivias numa era em que as mulheres deviam, supostamente, permanecer virgens até ao casamento. Talvez seja apenas isso que consegues aprovar. Diz-me, é essa a razão para não teres escolhido uma consorte?

O príncipe soltou-se das mãos dela.

— Muito poucos da nossa espécie sobrevivem à transformação com a virgindade intacta.

— Eu também já fui uma virgem. — Falava num tom quase saudososo. — Antes de o meu pai insultar um dos seus senhores ingleses. O meu criador teve uma surpresa, quando me possuiu. Também ele preferia as virgens, mas leu erradamente o meu odor.

— Tenho a certeza que eras dona de outras virtudes, que mais do que o compensaram.

Aoibhe pestanejou, a tentar ler a expressão no rosto dele. Depois abanou a cabeça.

— Não tens amante humana, não procuras ninguém no Teatro, não tens consorte. Claro que estás zangado e que precisas de descontraír. Um homem não pode viver só de sangue.

— Se estás tão preocupada com as minhas necessidades sexuais, é melhor tratares do assunto — disse asperamente. — Vou pôr-te qualquer coisa na boca para te calar, se não paras já de falar.

— Estou a tentar ajudar. Somos amigos, não somos? Ao fim de tantos anos? — Ela fez um sorriso bonito, deslizando na cama para lhe dar espaço.

Ele estava parado, nu e orgulhoso, diante dela, a ereção a palpitar. As suas mãos estavam cerradas, os tendões nos seus braços inchados.

— Amigos? Não. Mas não há dúvida de que te tornaste uma bem-vinda aliada. — Percorreu com o olhar a extensão do corpo dela, detendo-se depois nos seus seios.

Aoibhe suspirou e revirou os olhos para o céu.

— Suponho que isso seja o melhor que posso esperar de um inglês. Ainda bem que desisti de matar os teus compatriotas no século dezanove.

— Basta. — Num movimento rápido, ele cobriu-lhe o corpo com o seu.

— Finalmente — sussurrou ela, levando os lábios vermelhos ao seu pescoço.

As mãos dele subiram e desceram pelos lados do corpo dela, enterando-se na pele perfeita.

Ela ronronou como um gato e ofereceu o seio direito à boca aberta e ávida que o aguardava.

Ele lambeu-o, contornando-lhe o mamilo várias vezes antes de o prender entre os dentes. Ela arqueou-se na cama, subjugada por aquela sensação, e ergueu o outro seio à atenção dele.

Ele repetiu o movimento antes de fechar a boca e chupar.

Aoibhe gemeu, a atirar com a cabeça de um lado para o outro. Ele pegou-lhe na coxa e prendeu-a em volta da sua anca antes de a penetrar. Ela gemeu pesadamente quando ele começou a mover-se.

O sexo foi ativo e frenético, como era típico nos da sua raça. A força do príncipe era tal que ele conseguia manter-se por cima dela apoiado num único braço, enquanto se enterrava vez após vez.

Aoibhe erguia as ancas ao encontro das investidas dele. Depois fê-lo

deitar-se de costas, para ficar por cima. Com um grito triunfante, montou-o vigorosamente, a cabeça caída para trás.

As mãos do príncipe exploravam-lhe os seios a saltar antes de ele se sentar e substituir as mãos pela boca.

Aoibhe gemeu o seu prazer e tentou procurar-lhe a boca com um beijo, mas ele agarrou nela e saltou da cama, encostando-a à parede.

Ela tentou beijá-lo de novo, mas, mais uma vez, ele esquivou-se, roçando com os lábios o seu pescoço.

Ele sentiu-a aproximar-se do orgasmo e enterrou-se mais profundamente. Como acontecia entre os do seu género, o orgasmo durou vários minutos.

Quando terminou, ela arrastou-o de volta para a cama e tornou a montá-lo, movendo-se tão depressa que o seu corpo cintilava no ar.

Com um grito, ele ergueu mais as ancas, esvaziando-se dentro dela.

Aoibhe rosnou e expôs os dentes, baixando-se para os enterrar no pescoço dele.

Num instante, ele estava a deitá-la de costas e a prender-lhe os braços por cima da cabeça. O seu corpo continuava a estremecer com o orgasmo, a respiração quase irregular.

— Não — rugiu, os olhos cinzentos a desferir relâmpagos de fúria.

Aoibhe não teve outra opção senão fazer um aceno de assentimento enquanto ele continuava a mover-se dentro de si. Eram quase da mesma altura e tamanho, mas o príncipe era mais velho e muito mais poderoso. Podia facilmente matá-la e levar o seu corpo para fora da cidade para o queimar até o deixar irreconhecível. Nunca ninguém ficaria a saber.

Ficou a fitá-lo, com os olhos muito abertos de pânico, a conter a respiração.

Quando ele acabou, baixou a cabeça, umas madeixas de cabelo a varrerem-lhe os seios.

— Deixa-me ser a tua consorte — sussurrou-lhe ela, enquanto o seu útero ainda palpitava com o prazer que continuava a percorrê-la. — Governaremos Florença juntos. Bebe de mim e eu beberei de ti.

Expôs o pescoço e o que havia por baixo da superfície da sua pele.

O príncipe abriu os olhos devagar, como um dragão de olhos cinzentos, e rosnou.

— Por favor — rogou Aoibhe.

Ele levantou-se e dirigiu-se nu para o guarda-roupa.

A ruiva sentou-se, a abanar uma mão sobre o pescoço.

— De que é que tens medo, meu amor? Da ligação que resulta da troca de sangue?

Ele fez um olhar furioso.

— Não uses designações que não sentes. A tua honestidade é uma das poucas coisas que sempre admirei em ti.

Ela comprimiu os lábios, mas não disse nada.

O príncipe retirou um conjunto limpo de roupas pretas do roupeiro e aproximou-se da cama.

— O palácio está à tua disposição até ao pôr do sol. Vou dar instruções aos servidores. Tenta deixar o meu pessoal intacto.

Ela estudou-o, o cabelo num turbilhão de caracóis ruivos em volta do seu lindo rosto oval.

— Pensei que tínhamos progredido um pouco, ao longo dos últimos séculos. Estava enganada.

Ele cerrou o maxilar.

— Não me mintas. Tudo o que fazes é calculado.

— Não o nego, mas, neste caso, estou a fazer-te um favor. Vencemos a guerra contra os venezianos, mas quanto tempo irá durar esta paz? E o atentado que sofreste? Ainda não descobrimos quem ajudou os venezianos a passar as nossas fronteiras. Tens de tomar uma consorte, nem que seja para te fortalecer e proteger a tua posição. Eu sou uma das tuas mais antigas amigas. Sou a escolha óbvia.

Ele observou-a, estudando-lhe o rosto e a expressão com contida hostilidade.

Aoibhe atirou as roupas da cama para trás e levantou-se diante dele.

— Tens de pensar no teu futuro. Quantos anos tens? Quem sabe quanto tempo mais vais ter antes de...

— Basta — interrompeu ele. — O nosso acasalamento não tem sido frequente, como mencionaste, mas tem sido justo. Até hoje.

Parou um momento a admirar-lhe o corpo, a pele cremosa, as curvas suaves, as longas pernas. Abanou a cabeça.

— Este teatro era desnecessário. Eu ter-te-ia dado a mesma resposta se me tivesses abordado no meio da rua. Somos aliados, Aoibhe, não amantes. E, a partir de agora, é essa a única coisa que vamos ser. Não volte aqui.

E, com isto, desapareceu do quarto.

Capítulo 4

Quando Raven se aproximou da galeria Uffizi, ficou atônita ao encontrá-la rodeada por um cordão. Vários agentes da polícia local vigiavam as barricadas, enquanto *carabinieri* com os seus habituais uniformes azuis-escuros enchiam o pátio em forma de U.

Vários homens de fatos negros reuniam-se em pequenos grupos, a conversar uns com os outros, perto da entrada para a galeria. Jornalistas de várias partes do mundo aglomeravam-se em volta do perímetro, a gritar perguntas aos *carabinieri* em inglês e italiano. As suas perguntas eram ignoradas, mas não por Raven.

Acontecera uma coisa terrível.

As famosas ilustrações de Botticelli — cópias dos desenhos de Botticelli para a *Divina Comédia* de Dante — tinham desaparecido.

Raven cobriu a boca, com uma sensação de náusea a subir-lhe do estômago até à garganta.

— *Permesso*. — Uma voz masculina soou ao ouvido de Raven enquanto alguém ao seu lado tentava abrir caminho por entre a multidão.

Virou-se e reconheceu Patrick Wong, um dos seus amigos da galeria.

— Patrick — chamou, tocando-lhe no braço.

Os olhos escuros e amendoados do colega examinaram-lhe o rosto.

— Eu conheço-a?

— Sou eu — disse ela em inglês.

Ele fitou-a, atônito, e ela recordou-se de que o seu aspeto estava muito mudado.

— A Raven.

Patrick retirou o braço da mão dela e lançou-lhe um olhar carrancudo.

— O que é que sabe da Raven?

— Sou eu, juro. — Retirou da mochila o seu cartão de identificação da Uffizi e estendeu-lho.

Ele arrancou-lho da mão, levando o rosto ao dela.

— Como é que obtive isto? — sibilou. — Onde é que ela está?

— Patrick, sou eu. Trabalhamos juntos, lembra-te? Faço parte da equipa de restauro do professor Urbano.

Os dedos dele fecharam-se mais em volta do cartão de identificação.

— Toda a gente conhece a equipa do professor Urbano. Isso não significa nada.

Raven olhou em volta, impotente, a tentar pensar numa maneira de provar a sua identidade. O seu olhar prendeu-se na extremidade da Loggia dei Lanza e no seu telhado, que mal se via dali.

— Lembra-te de quando almoçámos no terraço? Contaste-me que tinhas sido criado pela tua avó, que viviam em Richmond Hill e que ela tinha um restaurante. Disseste-me que tinhas um cão chamado *Magnus*, que foi atropelado por um carro quando tinhas dez anos.

Os olhos de Patrick abriram-se mais de espanto.

— Quem foi que te contou essas coisas?

— Foste tu. Tens intolerância à lactose, nasceste em Toronto, estás apaixonado pela Gina. Sou eu, Patrick. Juro. — Estendeu um braço. — Vê o meu relógio.

Ele olhou-lhe para o pulso e viu o velho *Swatch* muito usado que não teve dificuldade em reconhecer.

Olhou-a nos olhos.

— Como é que eu sei que não raptaste a Raven e lhe roubaste o relógio?

Ela revirou os olhos.

— Ouve-me só o que estás a dizer. Eu não sou ninguém. Quem é que ia querer raptar-me?

— Isso não é verdade. — A expressão dele tornou-se mais feroz. — A Raven é alguém para mim. É importante para mim.

Ela fez uma pausa, a tentar controlar as emoções para poder concentrar-se em encontrar qualquer coisa que provasse a sua identidade.

— Lembra-te de quando perdeste as cópias das radiografias da

Primavera? E que o *dottore Vitali* estava sempre a perguntar por elas? Fui eu que as pus no fundo da gaveta da tua secretária.

Patrick abanou a cabeça.

— Eu não perdi as radiografias.

Ela sorriu gentilmente.

— Perdeste, sim. Deixaste-as na sala de leitura dos arquivos. Eu encontrei-as e pu-las na tua secretária para não teres problemas.

Patrick olhou-a fixamente, com uma expressão de incrédulo fascínio no rosto.

— Nunca falei disso a ninguém.

— Eu sei.

A expressão do canadiano metamorfoseou-se. Do choque passou a preocupação.

— Raven? — sussurrou, a fixá-la intensamente.

Ela respondeu com um aceno afirmativo.

Ele levou-lhe uma mão ao rosto.

— O que é que fizeste?

Raven pestanejou e virou a cara, incapaz de devolver o seu olhar.

Patrick baixou rapidamente a mão e olhou em volta, reparando que tinham atraído a atenção de um dos *carabinieri*, que estava a observá-los por detrás dos óculos escuros.

— Temos de sair daqui. — Agarrou Raven pelo braço. — Onde está a tua bengala?

— Já não preciso dela.

— Isso não tem graça. — Patrick lançou-lhe um olhar furioso.

Raven ergueu a perna agora sã e demonstrou rapidamente a sua capacidade de movimentos.

— Foda-se — sussurrou o amigo, as sobrancelhas a elevarem-se. — Que raio se passa aqui?

Antes que Raven tivesse tempo para se aventurar a responder, o agente dos *carabinieri* começou a dirigir-se para eles. Patrick puxou-a para a esquina para ficarem fora da sua vista.

Quando estavam a vários metros de distância, Raven plantou os pés no chão.

— E o trabalho? Vamos chegar atrasados.

Patrick devolveu-lhe o cartão de identificação.

— Chego todos os dias atrasado por causa da polícia. Temos de

passar por uma inspeção especial de segurança antes de nos deixarem entrar.

— A polícia está aqui por causa das ilustrações?

Ele fitou-a, desconfiado.

— Claro.

— Quando é que elas foram roubadas?

Patrick limitou-se a olhar para ela.

Quando a colega não disse mais nada, ele esfregou os olhos.

— Merda.

— O que foi?

Ele expirou ruidosamente.

— Se estivesses em sarilhos, falavas comigo, não falavas?

— Eu não estou em sarilho nenhum.

— Estás a gozar? Sou um dos teus melhores amigos e não te reconheci. — Praguejou. — Não precisas da bengala. E desapareceste justamente depois do maior assalto na história da Uffizi.

— O quê? — Raven praticamente guinchou, deixando cair a mochila de surpresa.

— Chhh! — Patrick fez-lhe um olhar furioso. — Queres que meia dúzia de *carabinieri* e sabe Deus quantos agentes da Interpol venham já a correr para aqui? Fala baixo.

Desviou-se rapidamente, a olhar na direção da Uffizi, antes de a puxar e à mochila dela para mais perto da ponte Vecchio.

— Quando foi que o assalto ocorreu? — perguntou Raven, a mente quase atordoada de choque.

— Na noite da festa da Gina.

Raven pressionou a testa com uma mão. Lembrava-se da festa de Gina. Lembrava-se de falar com Patrick sobre uma boleia para casa. Depois disso, a noite não passava de um borrão na sua mente.

Semicerrou os olhos, ofuscada pela luz do Sol.

— Como é que os ladrões passaram pelos sistemas de segurança?

— Ninguém sabe. Nenhum dos alarmes foi ativado. Não descobriram uma única impressão digital. Os agentes especiais pensam que deve ter sido um trabalho interno, razão pela qual têm andado a falar connosco. Já fomos interrogados três vezes.

— Mas quem faria uma coisa dessas? Toda a gente com quem trabalhamos tem um registo criminal limpo.

A expressão de Patrick tornou-se mais reservada.

— Raven, têm andado à tua procura. Desapareceste há mais de uma semana e ninguém sabia onde estavas.

— Uma semana? — guinchou ela, de olhos muito abertos.

— A festa da Gina foi no dia dezassete. Hoje é vinte e sete. Não vies-te trabalhar a semana inteira. Pensámos que estavas doente. Enviei-te SMS, enviei-te *emails*, e o professor Urbano ligou-te para o telemóvel, mas não atendeste. Fiquei bastante preocupado, por isso eu e a Gina passámos pela tua casa na quarta-feira. Uma das tuas vizinhas disse que não te via há dias. Participámos o teu desaparecimento à polícia e ao consulado americano.

Antes que Raven pudesse responder, o agente dos *carabinieri* apareceu de repente, flanqueado por outros dois.

— Trabalha no museu? — perguntou a Patrick num tom severo.

O olhar de Patrick desviou-se rapidamente para Raven.

— Trabalho.

— Identificação, por favor. — O agente estendeu uma mão, à espera. Patrick passou-lhe o seu cartão de identificação. O homem examinou-o com cuidado antes de o devolver.

A sua atenção virou-se então para Raven.

— E a menina?

Ela anuiu e entregou-lhe o seu cartão.

O agente olhou para a fotografia e depois para Raven. Retirou os óculos de sol, dobrou-os e enfiou-os num dos bolsos da farda.

Os seus olhos fixaram-se nos dela.

— Não está parecida com esta fotografia.

Raven encolheu os ombros.

— Sou eu.

O agente observou-a com um ar pensativo antes de devolver o seu olhar a Patrick. Este ia passando o seu peso de um pé para o outro.

— Conhece esta mulher? — O agente indicou Raven com um gesto.

Patrick hesitou e o coração de Raven começou a bater com mais força.

Ele aproximou-se mais dela.

— Sim, trabalhamos juntos.

Raven tentou não derreter de alívio com a mostra de apoio da parte de Patrick.

A atenção do agente regressou a Raven.

— A sua identificação diz que trabalha para o Opificio dele Pietre Dure.

— E é verdade. Mas fui destacada para a Uffizi, e isso também está indicado no cartão. — Apontou para o documento que ainda estava na mão do homem.

— *Dottoressa Wood*, acompanhe-me.

— Ela é americana. — Patrick deu um passo em frente. — Não pode levá-la de qualquer maneira.

O agente mediu Patrick por um momento.

— Não estamos a *levá-la*. Estamos a acompanhá-la à esquadra de polícia para lhe fazermos umas perguntas, tal como fizemos a todos os outros funcionários da Uffizi.

Patrick agarrou o braço de Raven, fazendo-a parar.

— Interrogou todos os outros funcionários na galeria, não na esquadra. Ela não vai a lado nenhum consigo.

— Isto não é nenhum interrogatório nem nenhuma detenção, trata-se simplesmente de alguns pedidos de esclarecimento. Tenho a certeza que a *Dottoressa Wood* quer ajudar a investigação. — O agente fez um olhar contundente a Raven.

Ela pestanejou, não sabendo o que dizer.

Patrick manteve a sua posição, sempre agarrado ao braço de Raven.

O homem praguejou e retirou qualquer coisa do bolso do casaco, espetando-a debaixo do nariz de Patrick.

— O meu nome é Sergio Batelli, *ispettore* dos *carabinieri*. Ela não tem passaporte diplomático e o seu nome consta da lista de funcionários da Uffizi. Sob o código civil italiano, posso pedir-lhe informações numa esquadra de polícia sem ter de notificar ninguém, especialmente os americanos. *Capisce?* Mas talvez queira que eu o leve também, *signor Wong*. São namorados? Há quanto tempo se conhecem?

Patrick soltou uma praga e deu um passo em frente, mas Raven interveio, colocando a mão sobre a dele.

— Está tudo bem. Eu vou só responder às perguntas deles. Mas, por favor, diz ao professor Urbano o que está a acontecer. Ele deve estar à minha espera no laboratório de restauro.

Patrick fixou o agente com um olhar de desafio.

— Eu vou notificar o *dottore* Vitali, o diretor da Uffizi, e o consulado americano. E vou dizer nomes, *ispettor* Batelli.

O agente encolheu os ombros.

— *Dottoressa* Wood. — Fez um aceno para a estrada, onde um carro de polícia acabara de encostar ao passeio, com as luzes de emergência acesas.

Patrick apertou o braço a Raven antes de correr na direção da Uffizi.

— Por aqui. — A voz de Batelli era rude enquanto, juntamente com os outros homens, conduzia Raven para o automóvel.

Capítulo 5

— **P**ara sua informação, devo declarar que isto não é um interrogatório. Não se encontra detida. Queremos fazer-lhe umas perguntas em relação ao roubo de peças de arte na Uffizi porque a menina trabalha na galeria. Esta conversa está a ser gravada em suporte de vídeo. *Dottoressa* Wood, onde esteve na sexta-feira, dezassete de maio?

Batelli estava sentado diante de Raven numa pequena sala de interrogatório na esquadra da polícia de Florença, os olhos escuros, atentos e perscrutadores.

Tinha pastas na sua frente, mas estavam fechadas. Não estava sequer a tomar notas. Estava simplesmente a observá-la.

Outro homem, vestido com um fato preto, mantinha-se atrás dele e à sua esquerda. Fora apresentado como Alessandro Savola, um agente da Interpol vindo de Roma. Também ele observava Raven, de braços cruzados, olhos alerta.

Ela sentia-se como se fosse uma amostra a ser examinada ao microscópio.

Contemplou, por um momento, as suas opções, enquanto olhava também para os agentes e se perguntava o que lhe iria acontecer.

Ela adorava o seu trabalho. Adorava a Uffizi. Estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar a polícia a encontrar a pessoa que roubara as ilustrações. Isso incluía responder às perguntas do agente, por muito desconfortáveis e potencialmente perigosas que fossem.

— Vim trabalhar no laboratório de restauro. Ao final do dia, alguns de nós fomos à festa de uma amiga.

— Que amiga?
— Gina Molinari. Trabalha nos arquivos.
— Onde foi depois da festa?
Raven concentrou-se num ponto na parede por cima do ombro dele, a desejar lembrar-se.
— Fui para casa.
O *ispettor* Batelli inclinou-se para a frente na sua cadeira.
— Que horas eram?
Ela olhou-o nos olhos.
— Não me lembro, mas a festa ainda não tinha acabado. Despedi-me do Patrick e da Gina e fui a pé para casa.
— Sozinha?
— Sim, sozinha.
— Vive com alguém? Alguém a viu chegar a casa?
— Vivo sozinha, e não, ninguém me viu.
— Tem algum amante? Um namorado ou namorada?
— Não. — Ela cruzou os braços sobre o peito.
— Quando é que soube do roubo? — A voz do inspetor era casual.
Demasiado casual.
— Esta manhã, quando cheguei ao trabalho.
O agente semicerrou os olhos.
— Não viu nos jornais? Na rádio? Na televisão?
— Não compro jornais e não tenho televisão. Por vezes ouço a BBC de manhã, mas acordei tarde para o trabalho e não o liguei.
— Porque é que anda com o seu passaporte e com outros documentos importantes? Não tem medo de ladrões? — Batelli apontou para os artigos que estavam na sua secretária, ao lado do cartão de identificação da Uffizi.
— O meu passaporte antigo estava quase a expirar. Fui buscar este ao consulado no outro dia, mas tinha de apresentar a documentação que mostrava que estava a trabalhar em Itália legalmente. Devo ter-me esquecido de tirar tudo da minha mochila.
— O nome nos seus documentos não corresponde ao nome no seu cartão de identificação.
Ela cerrou os dentes.
— O meu nome é Raven.
— Não é esse o nome no seu passaporte.
Isso é porque o nome no meu passaporte morreu, pensou ela.

Tentou parecer descontraída, cruzando as mãos no colo.

— Na América, é comum as pessoas terem alcunhas.

— De que parte da América vem?

— New Hampshire.

— O seu processo de funcionária diz que frequentou a universidade de Barry e a de Nova Iorque.

— Exato.

— Há quanto tempo está em Florença?

— Passei cá um ano enquanto estava a terminar o mestrado na universidade de Nova Iorque. Depois regresssei para escrever a minha dissertação, há três anos. Quando terminei o curso, no ano passado, o professor Urbano contratou-me para trabalhar com ele no Opificio.

Os olhos de Batelli semicerraram-se.

— Pensei que o professor Urbano trabalhava na Uffizi.

— Trabalha, mas apenas por contrato. Ele dirige o laboratório no Opificio, que é um instituto de restauro mundialmente famoso. Foi contratado pela Uffizi, juntamente com a sua equipa, para trabalhar num único projeto. Eu faço parte dessa equipa.

— Então, é doutorada em História de Arte e Conservação?

Ela fez um gesto de embaraço.

— E Restauro. Tenho formação em ambos, mas foquei-me no restauro, na minha dissertação.

— Interessante — comentou ele. — Como é feito este trabalho de restauro?

— Começamos por fazer uma investigação científica da peça de arte. Há um laboratório na Fortezza da Basso onde usamos microscópios, espectrofotometria e máquinas de raios-X. Por vezes usamos raios ultravioleta ou fotografia de infravermelhos. Também fazemos trabalho arquivístico, comparando tentativas prévias de conservação e restauro com as atuais descobertas científicas.

O inspetor ficou a olhar para ela.

— E faz essas coisas todas?

— Ajudo onde é necessário, mas, neste projeto, passei a maior parte do meu tempo a remover camadas de verniz da pintura para conseguirmos chegar à tinta que está por baixo. Depois, alguém mais capaz do que eu repara as zonas em que a pintura original está falhada ou a escamar. Esta semana, vamos começar a aplicar um verniz transparente na obra

para a proteger. Por causa do tamanho e da idade da peça, este processo pode levar meses.

Batelli fez um aceno de entendimento.

— O professor Urbano diz que se ausentou do trabalho durante toda a semana e que não ligou a avisar. Onde esteve?

— Em casa, acho.

— Acha? Não sabe? — O tom do agente já não era casual.

Ela não respondeu, pois, na verdade, não sabia o que dizer.

— É seu costume desaparecer do trabalho durante uma semana e não se lembrar de onde esteve?

— Não. — Inconscientemente, começara a enterrar as unhas nas palmas das mãos.

— Onde é que esteve?

— Não me lembro.

Batelli trocou um olhar com o agente Savola.

— Onde esteve ontem?

— Não sei.

— Mas lembra-se de ir para casa depois da festa?

Raven fechou os olhos, a tentar peneirar as suas memórias.

— Lembro-me de me despedir do Patrick e de sair da festa da Gina. Lembro-me de começar a voltar para casa.

Ela abriu os olhos.

— Mais nada.

— Diga-me, *Dottoressa* Wood, costuma beber?

Ela encolheu os ombros.

— Bebo um copo de vinho quando saio com amigos. Mas, não, não costumo beber muito.

— E quanto a drogas?

— Drogas? — repetiu ela, o corpo a ficar visivelmente tenso.

— Toma alguma droga ou medicação?

— Às vezes tomo comprimidos para as dores, por causa da minha perna, mas foram-me receitados.

O olhar de Batelli desceu para a perna dela.

— Alguma vez tomou demasiados comprimidos?

— Não. — Ela juntou as mãos, a tentar não as torcer sobre o colo.

— E outras drogas... cocaína, marijuana, *ecstasy*?

— Não tomo drogas.

— Diga a verdade. — Batelli lançou-lhe um olhar duro. — Vai a uma festa. Falta ao trabalho durante uma semana. Durante a sua ausência, a Uffizi é assaltada. Torne as coisas mais fáceis para si e diga-nos o que aconteceu realmente.

— Já lhe disse. Não me lembro.

— Isto pode tornar-se muito desagradável, se me mentir. — O tom do homem ia-se tornando cada vez mais áspero.

— Eu estou a dizer a verdade! — Ela ergueu a voz, sobressaltando momentaneamente os dois agentes.

O inspetor inclinou-se para a frente.

— Onde é que esteve durante a última semana?

— Não sei.

— Onde esteve ontem?

— Não me lembro.

Ele martelou a mesa com um punho fechado.

— Onde é que esteve ontem à noite?

Um turbilhão de cores dançou perante os olhos dela, acompanhado por um sussurro baixo. Ao mesmo tempo, sentiu uma dor aguda na parte de trás da cabeça.

Fechou os olhos.

— *Dottoressa Wood*? — chamou ele.

Ela não respondeu.

— *Signorina*? — disse ele, ligeiramente mais alto.

— Talvez eu tenha sido drogada — sussurrou, quando a dor na cabeça diminuiu. Abanou uma mão na frente dos olhos.

— Drogada? — repetiu ele.

Ela baixou a mão.

— Talvez alguém me tenha drogado.

— O que é que a faz dizer uma coisa dessas? — Savola falou pela primeira vez, a voz baixa e grave.

Os olhos de Raven viraram-se para os dele.

— Não me lembro do dia de ontem. Não me lembro de nada do que aconteceu depois da festa da Gina. Não bebi muito, mas tomei um ou dois copos de vinho. Talvez alguém tenha introduzido alguma coisa na minha bebida.

Batelli acenou ao agente Savola e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Este anuiu e saiu da sala.

O inspetor pousou uma mão em cima de uma das pastas.
— Não se lembra de nada do que se passou na semana passada?
Absolutamente nada?
— Não.
— Sente alguma dor? Tontura?
Ela esfregou a parte de trás da cabeça.
— Doeu-me a cabeça há uns minutos. Mas não me sinto tonta.
Ele ficou calado por um momento, a estudá-la.
— O que é que faz para o professor Urbano?
— Já lhe disse, ajudo-o no seu projeto de restauro.
— E o que está ele a restaurar?
— O *Nascimento de Vénus*.
O inspetor anuiu.
— Então, é especialista em Botticelli?
Ela mudou de posição no assento.
— Não tanto como o professor Urbano. Ele trabalhou no famoso restauro da *Primavera* com Umberto Baldini.
O olhar de Batelli era vazio, não indicando reconhecer o nome do famoso historiador de arte.
— Mas pode-se dizer que sabe muito sobre Botticelli e as suas obras?
— Sim. Também sei que o roubo de obras-primas é um crime contra a humanidade. — Raven falou com a voz quase a tremer.
O inspetor pareceu surpreendido.
— Essa é uma opinião invulgar.
— Não é invulgar entre aqueles que dedicam a sua vida a preservar e proteger grandes obras de arte. Foi por isso que vim para Florença.
Batelli franziu o sobrolho.
— As ilustrações eram cópias.
De imediato, Raven inclinou-se para a frente na sua cadeira.
— Aquelas *cópias* eram a única coisa que nós tínhamos. O conjunto completo dos originais perdeu-se. E as cópias eram lindíssimas.
— *Nós?* — repetiu ele, inclinando a cabeça para um lado. — *Nós quem?*
Ela sentiu as faces ruborizarem-se.
— A humanidade. Quem as roubou roubou-as a todos nós. Embora eu tenha a certeza que os Emerson estão mais preocupados do que qualquer outra pessoa, exceto, talvez, o *dottore Vitali*.

— E os Emerson são...?

— Os patronos que nos emprestaram as ilustrações... o professor Gabriel e a esposa.

— Conhece-os?

— Não. Eles são patronos do orfanato onde trabalho como voluntária, mas nunca os conheci pessoalmente.

O inspetor abriu um ficheiro e retirou uma série de folhas impressas que tinham estado agrafadas. Colocou-lhas na frente.

— Isto é uma lista de nomes. Diga-me se conhece algum deles.

Raven pegou na lista e começou a ler.

Ergueu o olhar para o inspetor.

— Reconheço alguns dos nomes. São patronos da galeria. Mas não conheço ninguém pessoalmente.

— Nenhum deles?

— Eu trabalho no laboratório de restauro. Os patronos não interagem connosco. — Pousou o papel na secretária.

— Seria correto dizer que reconhece todos os nomes ou apenas alguns?

— Apenas alguns.

Batelli destapou uma caneta e colocou-lha na frente.

— Por favor, podia assinalar os nomes que reconhece?

Raven franziu a testa, mas fez o que lhe era pedido, marcando cerca de um terço dos nomes alistados.

Batelli pareceu demonstrar um contido interesse pelo que ela estava a fazer, mas, quando Raven terminou, limitou-se a pôr os papéis de lado. A seguir, retirou uma folha do ficheiro e passou-lha.

— Leia isso.

Raven pegou no papel.

A primeira coisa em que reparou foi que era obviamente uma fotocópia de uma página manuscrita. O estilo de escrita era antiquado. Muito antiquado. Preciso, elegante e muito, muito bonito. Uma obra de arte.

A segunda coisa em que reparou foi que a língua era o latim. De súbito, uma frase entrou na sua consciência.

Cassita vulneratus.

— O que foi? — Batelli inclinou-se para a frente, desconfiado.

— Eu não disse nada. Já li. E agora?

— Leia-mo.

— Está em latim. — Ela fez-lhe um olhar de interrogação.

— Eu sei. Leia-o em latim, se conseguir, e traduza para italiano.

Raven devolveu a atenção à página.

— *Non furtum facies. Mihi vindictam ego retribuam.* — Olhou para o agente. — *Non rubare. La vendetta è mia, io ricompensèro.* Não roubarás. Minha é a vingança, eu retribuirei.

Raven pousou o papel sobre a secretária.

— Porque é que me está a mostrar parte de um manuscrito latino da *Bíblia*?

— Qual é a razão para pensar que isto é parte de um manuscrito da *Bíblia*?

— Não sou paleógrafa, mas reconheço a caligrafia medieval. — Apontou para o papel. — O texto soa como a *Bíblia*, mas não sou especialista nesse campo.

— As palavras dizem-lhe alguma coisa? — Batelli lançou-lhe um olhar interrogador.

— Não.

— Interessante. — O homem guardou a página no seu ficheiro e fechou-o. Depois pôs a mão em cima dele.

— O que é que me sabe dizer sobre os sistemas de segurança da galeria?

— Quase nada. Eu só faço restauro de arte. — Apontou para o seu cartão de identificação, que estava sobre a secretária. — Tenho acesso a determinadas divisões quando a galeria está aberta. Não tenho os códigos de segurança do edifício nem de nenhuma sala de exposição. Nem sequer sei muito bem qual é o sistema de segurança da galeria. É tudo um grande mistério.

— O seu cartão dá acesso à sala onde se encontravam as ilustrações de Botticelli?

Ela abanou a cabeça.

— Só tenho acesso às salas relacionadas com o meu trabalho: os arquivos, as salas de restauro e o gabinete que partilho com alguns dos outros colegas.

— E chaves, tem?

— A maior parte das salas da Uffizi só é acedida através de cartão. Existem chaves para algumas das salas mais antigas e para o corredor

Vasari. Mas eu não tenho chave nenhuma. Mesmo que tivesse, não poderia entrar no edifício quando está fechado.

— Mas faz horas extraordinárias.

— Por vezes o professor Urbano pede à equipa de restauro para ficar até mais tarde, se estamos a fazer alguma coisa particularmente delicada ou urgente. Mas, nesses casos, a galeria fica aberta, ou, pelo menos, o laboratório de restauro fica aberto. Os seguranças acompanham-nos se chegamos mais tarde e escoltam-nos para fora do edifício quando terminamos.

O inspetor recostou-se na cadeira. Observou-a fixamente até ela desviar o olhar.

— Fez horas extraordinárias a dezassete de maio?

— Não. Estou a trabalhar exclusivamente no *Nascimento de Vénus*. Estamos a fazer um restauro completo, o que significa que a pintura já não está em exposição. Trabalhamos nas horas normais, a não ser que o professor Urbano nos peça para ficar até mais tarde. O que não tem acontecido nos últimos meses.

— O seu rosto não corresponde à fotografia no seu cartão nem no seu passaporte. — Indicou o cartão de identificação sobre a secretária. — Suponho que a fotografia no seu novo passaporte seja recente...

— É, sim. — Ela mudou de posição na cadeira.

— Não parece recente. A sua ficha de funcionária indica que é deficiente.

Com isto, o olhar do agente caiu para a perna direita de Raven, que estava parcialmente obscurecida pela secretária. Os seus olhos ergueram-se para os dela.

— Não me parece aleijada.

— O termo correto é inválida. — Raven endireitou os ombros. — E já não o sou.

— Explique-se.

Ela comprimiu os lábios com força.

— Não posso.

O polícia ergueu as sobrancelhas.

— Perdão?

— Não posso. — Raven ergueu as mãos numa expressão de frustração. — Não faço ideia do que aconteceu. Já lhe disse isso mesmo.

Ouviu-se bater à porta e depois o agente Savola entrou. Sussurrou

qualquer coisa ao ouvido de Batelli, que pareceu desiludido. Trocaram algumas palavras em voz baixa, que Raven tentou sem sucesso ouvir.

O agente Savola retomou o seu lugar à esquerda de Batelli, de braços cruzados sobre o peito.

Batelli pegou na caneta e começou a martelar com ela o ficheiro.

— Já consultou um médico?

Raven abanou a cabeça.

— Se julga que foi drogada, porque é que não foi ao hospital?

— Sentia-me bem. Tive medo de chegar atrasada ao emprego.

Batelli soltou um som de troça.

— Sofre de perda de memória, passa por uma drástica mudança de aparência, uma milagrosa recuperação da capacidade de andar, e está com medo de chegar atrasada ao emprego?

Ele praguejou e atirou com a caneta para cima da secretária.

Raven pressionou as mãos contra a testa.

— Podemos levá-la ao hospital — disse o agente Savola em inglês, num tom baixo.

Ela abanou a cabeça.

— Tenho de falar com o professor Urbano. Não quero perder o meu emprego. — Ela engoliu em seco. — Tenho uma médica assistente. Vou marcar uma consulta com ela.

O agente Savola fez um aceno de compreensão.

— A sua médica é cirurgiã plástica?

— Não. — O tom de Raven foi cortante.

— Apenas um cirurgião plástico muito competente poderia transformar isto — apontou para o cartão de identificação em cima da secretária — nisso. — Apontou para a cara dela.

— Está a tentar insultar-me? — bufou ela.

— Tem psiquiatra, *signorina*?

— Claro que não! — explodiu Raven. — E o senhor, agente Savola? Tem psiquiatra?

O agente deu um passo em frente e soltou um palavrão.

Batelli ergueu ambas as mãos.

— Isto não ajuda em nada — disse, a olhar severamente para Raven e para o colega.

Ela apontou para o ficheiro.

— Se tem os meus registos, sabe que os meus antecedentes foram

verificados. Também passei por uma avaliação psiquiátrica. — Olhou na direção de Savola. — Mais importante, devotei a minha vida a salvar peças de arte, a preservá-las para as gerações futuras. Não destruo coisas e não roubo. Os ladrões de arte constituem quase as mais baixas formas de humanidade, porque roubam coisas belas e escondem-nas, para o mundo não as poder ver.

Batelli olhou-a com curiosidade.

— Quais são as mais baixas formas de humanidade, na sua opinião?

— Abusadores de crianças.

Tanto Batelli como Savola pareceram apanhados de surpresa pela afirmação, mas recuperaram de imediato a compostura.

Batelli pegou no cartão de identificação, no passaporte e nos outros documentos de Raven. Estudou-os com atenção antes de lhos passar.

Ela estendeu a mão para os papéis e, por um momento, ele continuou a agarrá-los, mantendo-a presa.

— Pode ir, depois de recolhermos as suas impressões digitais. É apenas para podermos confirmar a sua identidade, por causa da discrepância entre o seu aspeto atual e a fotografia no cartão. Um agente vai levá-la de regresso à Uffizi.

»Mas vou já avisá-la, *signorina* Wood, vamos querer falar consigo outra vez. Aconselho-a vivamente a ficar em Florença. Será emitida uma informação aos serviços de imigração, não vá tentar sair do país.

Os seus olhos desviaram-se brevemente para Savola e depois regressaram de novo ao rosto dela.

— E, para seu próprio bem, vá consultar um médico.

Raven pegou nos pertences que ele lhe estendia e precipitou-se para fora da sala, deixando a porta aberta atrás de si.

Capítulo 6

Quando chegou finalmente à Uffizi, Raven teve de se submeter a uma verificação das impressões digitais, para a segurança permitir a sua entrada no edifício. Depois dessa experiência humilhante, foi para o gabinete que partilhava com vários outros investigadores. Cumprimentou os colegas com um aceno tenso antes de se dirigir para a sua secretária, que ficava a um canto.

Enterrou-se na cadeira e olhou em volta da sala sem janelas. O gabinete vibrava com as conversas e o ocasional toque de um telefone, enquanto os colegas a fitavam. Alguns deles passaram pela sua secretária, a perguntar-lhe quem era e a exigir ver a sua identificação. Teve de chamar um segurança e pedir-lhe que certificassem que era quem dizia ser. Mais tarde, os colegas continuaram a lançar olhares na sua direção, e as suas expressões variavam entre a surpresa e a censura.

Sentia a pele arrepiar-se sob todo aquele escrutínio.

Tinha uma série de mensagens na sua secretária, incluindo uma recente de Patrick a pedir-lhe para o avisar quando chegasse. Ignorou-as e colocou a cabeça entre as mãos.

Estava em sarilhos.

Não fosse o facto de sentir doer quando se beliscava, teria julgado encontrar-se no meio de um pesadelo. Havia demasiados eventos incríveis e inexplicáveis. Primeiro, houvera a súbita e espontânea cura da sua deficiência. Segundo, a perda de peso e a radical mudança de aparência física. Por fim, havia o seu desaparecimento e a falta de memória.

Havia também a possibilidade de a sua personalidade ter sofrido

uma ligeira alteração. Raven não se lembrava da última vez que ficara tão zangada ou fora brusca. Sempre se orgulhara da sua delicadeza e autodomínio. Mas, na esquadra da polícia...

O olhar de Raven pousou num panfleto que deixara na secretária meses antes. O panfleto incluía informação sobre as ilustrações de Botticelli e fora distribuído aos visitantes da galeria.

Pegou nele, a olhar de relance para o texto.

Sem uma palavra, guardou a mochila numa das gavetas da secretária e trancou-a, pendurando o cartão de identificação, que estava preso a um cordão, ao pescoço. Pegou no telemóvel, que mal tivera tempo para carregar, agarrando-o na mesma mão que o prospecto. Lamentou em silêncio o facto de estar com as calças de ioga, que, apesar de lhe tornarem o traseiro extremamente atraente, não tinham bolsos.

Devia ir trabalhar para o laboratório de restauro, mas, em vez disso, dirigiu-se para o lado oposto, onde as ilustrações tinham estado em exposição. O corredor estava agora vedado com um cordão e vazio.

O salão tinha as paredes pintadas num azul vivo, para melhor destacar as ilustrações a caneta. Dentro da sala havia uma série de mostradores de vidro, onde as obras de arte eram mantidas a salvo da exposição ao ar e do toque humano.

Raven olhou para os mostradores agora vazios, reparando que cada um deles, juntamente com as paredes e até o chão, fora analisado em busca de impressões digitais. Um andaime até ao teto fora encostado a um canto. Pelo aspeto, alguém analisara também o teto branco. Havia secções borradas de cinzento e preto.

Começou a ler a descrição da exposição que estava impressa no panfleto. Como o *ispettor* Batelli mencionara, as ilustrações eram cópias. Botticelli preparara uma centena de desenhos da *Divina Comédia* de Dante para Lorenzo di Pierfrancesco de Médicis, que morrera em 1503. Infelizmente, oito deles tinham-se perdido. O Vaticano possuía alguns dos originais e o resto pertencia ao Staatliche Museen, em Berlim.

A coleção Emerson estava completa. Sim, eram apenas cópias, mas os Emerson possuíam os cem desenhos. Só esse facto tornava a coleção inestimável.

Claro que a Uffizi estava mais do que contente por poder exibi-la. Cobrava um valor adicional aos visitantes para terem acesso a essa exposição, usando os fundos para financiar alguns dos projetos de restauro da

galeria, incluindo o trabalho que Raven e a equipa do professor Urbano estavam a fazer.

As ilustrações tinham sido emprestadas à Uffizi por um período de dois anos, desde o verão de 2011. Raven lembrava-se bem do anúncio, já que, na altura, estava a fazer investigação para a sua dissertação e a trabalhar no Opificio.

Antes desse anúncio, ninguém sabia da existência da coleção dos Emerson. Raven fizera alguma investigação sobre o assunto, mas não encontrara nada. Para tão importantes obras de arte, a ausência de imagens ou informação era surpreendente.

O *dottore* Vitali preparara um relato da proveniência das ilustrações, que era reproduzido no folheto, mas esta informação vinha dos próprios Emerson, pois Raven não encontrara nenhuma confirmação independente dos factos apresentados.

Achava isso curioso.

De acordo com o folheto, as ilustrações tinham sido preparadas no século dezasseis, provavelmente por um aluno de Botticelli. No século dezanove, tinham chegado de alguma forma a uma família suíça. A família vendera as ilustrações ao professor Emerson numa venda privada, alguns anos antes.

O paradeiro das ilustrações entre os séculos dezasseis e dezanove era um total mistério. De facto, nem a família suíça nem o professor Emerson se tinham mostrado muito ansiosos por revelar ao público a existência das ilustrações. Dizia-se que fora a senhora Emerson que convencera o marido a partilhar as obras com o mundo.

E agora elas tinham desaparecido, pensou Raven. Olhou para os expositores vazios e sentiu as lágrimas acumularem-se nos seus olhos.

Estava prestes a apresentar-se no laboratório de restauro quando o telefone vibrou para anunciar a chegada de uma mensagem. Era de Patrick.

Onde estás?

Ela digitou rapidamente a sua resposta.

Salão de exposições

Esperou pela resposta de Patrick, mas não obteve nenhuma.

Percorreu o histórico de mensagens que recebera durante a semana anterior, reparando que tanto Patrick como Gina lhe tinham enviado diversas, num crescendo de preocupação. Também tinha vários *emails* e mensagens no *voice mail*.

Com um suspiro, lançou um último e triste olhar aos expositores vazios e saiu da sala. Ao fundo do corredor, encontrou Patrick, que vinha na sua direção.

— Como é que correu com a polícia? — O rosto dele enrugou-se de preocupação.

— Não muito bem.

Patrick praguejou.

— Anda.

Deu-lhe a mão e conduziu-a para uma das escadarias nas traseiras. Subiram até ao segundo andar e dirigiram-se para um canto sossegado.

Ele soltou-lhe a mão e cruzou os braços sobre o peito, aproximando-se mais dela.

— O que foi que disseram?

— Fizeram-me um monte de perguntas. Estão desconfiados, obviamente, e a minha incapacidade de responder às perguntas fez-me parecer culpada. — Esfregou os olhos. — Não faço a menor ideia de onde estive na semana passada. Tenho a memória toda lixada.

— Não te lembras de absolutamente nada? — Ele soava preocupado.

— De nada, desde a festa da Gina. Talvez alguém me tenha posto alguma coisa na bebida. — Evitou os olhos dele, examinando os pés.

— Esquece. — O tom de Patrick foi firme. — Era eu que estava a servir as bebidas, lembras-te? E conheço toda a gente que lá estava. Ninguém te teria dado nada.

— Então porque é que eu não me lembro?

— Não sei. — A expressão dele estava ainda mais tensa. — O *dotto-re Vitali* quer falar contigo.

— O quê?

Patrick acenou com a cabeça na direção do gabinete do diretor.

— Está ao corrente de tudo o que tem a ver com a investigação, incluindo o teu interrogatório. E os Emerson acabaram de chegar. Vi a polícia a escoltá-los cá para dentro.

Raven gemeu. Claro que os Emerson estariam aborrecidos com o roubo. E o professor Gabriel tinha reputação de ser um pouco... *temperamental*.

Patrick continuou.

— Disse ao professor Urbano que tinhas voltado, mas não mencionei a polícia. Ele quer falar contigo, quando te safares do Vitali.

— Gostava mais quando ninguém reparava em mim.

Patrick franziu o sobrolho.

— Ei. É a segunda vez que dizes uma coisa parecida. Olha à tua volta. Eu estou preocupado contigo, e o Urbano também. Passámos uma semana preocupados, a pensar por onde andarias.

Ela mordeu o interior da boca.

— Talvez devesse desconfiar de mim. Eu estou a desconfiar de mim.

Patrick deu um passo em frente, inclinando-se de forma a ficar ao nível dos olhos dela.

— Não comeces com essa merda. Lembras-te do que aconteceu a Amanda Knox?

Raven estremeceu.

— Sim.

— Ela diz que é inocente. Talvez seja. Mas foi apanhada na investigação da polícia italiana. Quando terminaram, toda a gente achava que ela era culpada. O consulado americano não te pode ajudar, se fores acusada de um crime. Não dês munições à polícia. — Patrick apertou-lhe o braço num gesto de conforto. — É melhor ires andando. Vitali quer falar contigo imediatamente.

— Não me vai suspender, pois não?

Patrick apertou-lhe o braço outra vez.

— Não sei. Mas tem de haver uma explicação razoável para o que aconteceu. Havemos de a descobrir, prometo-te.

Ela respondeu com um sorriso débil antes de fazer o curto percurso até ao gabinete do *dottore* Vitali.

Bateu duas vezes e esperou.

A porta foi aberta por um homem alto e atraente, com cabelo escuro e penetrantes olhos azuis. Estava vestido com uma camisa branca e calças de ganga, os pés calçados em sapatos de pele castanha.

A postura dele era tudo menos descontraída.

— Sim? — A expressão, tal como o tom, era decididamente pouco amável.

— Bom-dia. O *dottore* Vitali pediu para falar comigo — respondeu Raven num italiano educado.

O homem abriu mais a porta e Raven viu Vitali sentado à sua secretária a falar com uma jovem mulher que tinha um bebé no colo.

— Mas como é que não há a merda de uma impressão digital? — O homem, que Raven assumiu ser o professor Emerson, passou por ela para ir colocar-se diante da secretária.

— Gabriel. — A mulher, que Raven julgou ser a esposa, olhou do professor para a criança nos seus braços.

— Desculpa, querida. — O professor Emerson soou contrito. Pousou uma mão na cabeça do bebé. — Eu queria dizer a porra de uma impressão digital.

— Não é propriamente melhor. — A senhora Emerson fez-lhe um meio sorriso.

A criança estava agitada e puxava o vestido da mãe. Depois começou a chuchar no punho rechonchudo, fazendo um ruído que soou a Raven como um grasnido.

— Acho que ela está com fome. — A senhora Emerson ofereceu um olhar apologeticamente ao seu anfitrião.

— Vitali, tem algum sítio sossegado onde a Julianne possa dar de comer à Clare? — O professor Emerson colocou uma mão no ombro da esposa.

— Claro. — Vitali sorriu, fazendo sinal a Raven para avançar. — E a menina é...?

Raven hesitou, embaraçada.

— Raven Wood, *dottore*.

O *dottore* Vitali fitou-a com uma expressão de incredulidade.

Raven estremeceu.

Vitali olhou de relance para os outros dois, parecendo estar a recuperar do seu choque.

— Menina Wood. — Começou a falar em inglês. — Leve a senhora Emerson à sala de conferências. Depois volte aqui. Gostaria de falar consigo.

— Com certeza. — Raven teve de se obrigar a sorrir, já que o tom e postura do diretor eram notoriamente frios.

— Obrigada. — A senhora Emerson levantou-se, segurando a bebê numa mão e tentando pegar na carteira e num grande saco a tiracolo *Coach* com a outra.

Raven acenou para o corredor.

— Por aqui, por favor.

O professor pegou na carteira e no saco, colocando-os ao ombro da esposa, antes de acariciar a cabeça da bebê e a beijar.

Raven olhou para outro lado enquanto ele abraçava a mulher, antes de se desviar para a deixar passar.

— Quando estiveres pronta, volta para aqui, querida. — O professor sorriu.

A senhora Emerson anuiu antes de se dirigir a Raven em inglês.

— Obrigada. Tentei dar o pequeno-almoço à Clare no hotel, mas ela não queria comer. Infelizmente, estamos todos a sofrer os efeitos do *jet-lag*.

— Não tem importância. A sala de conferências é sossegada e fica mesmo ao fundo do corredor. — Raven acenou para a direita enquanto saíam do gabinete, respondendo em inglês.

A senhora Emerson usava um simples vestido-camiseiro preto, com sandálias pretas de cordões atados à volta dos tornozelos e dos elegantes gémeos. Tinha cabelo castanho por altura dos ombros e grandes olhos castanhos. Era baixa e tinha um ar muito jovem, para além de modos gentis.

Ao seu lado, Raven sentia-se enorme e desajeitada, como sempre que se encontrava junto de uma pessoa magra e bonita. (Estava a esquecer-se de que passara recentemente por uma tremenda transformação física.)

— Posso levar os seus sacos, senhora Emerson?

Ela riu-se.

— Chame-me Julia. Devemos ser da mesma idade.

— Eu tenho quase trinta anos — disse Raven atabalhoadamente.

— E eu vou fazer trinta daqui a dois anos. Por isso, trate-me por Julia, por favor. Se quiser levar o saco das fraldas, agradeço-lhe.

Segurou Clare com uma mão enquanto Raven lhe puxava o saco do ombro.

Raven não estava preparada para o peso e quase o deixou cair, mas conseguiu no último momento impedir que batesse no chão.

— Desculpe. Devia tê-la avisado. — Julia fez um gesto para a ajudar, mas Raven fez-lhe sinal de que não era preciso e pegou no saco com as duas mãos.

— O Gabriel quer estar preparado para qualquer emergência, por isso enfia aqui coisas quando não estou a ver. Preciso de um carrinho para a Clare e de outro carrinho para o saco das fraldas. — Ela riu-se. — Na verdade, preciso de um carrinho para mim, também. Viajar com um bebé é mais complicado do que imaginava.

— Estão instalados aqui perto?

— Sim, no Gallery Hotel Art. — A expressão de Julia iluminou-se. — Ficamos por uma semana e depois vamos para a Úmbria. A madrinha da Clare veio connosco.

— Boa. — Raven não sabia que mais podia dizer.

— Mas estamos muito preocupados com o assalto — confidenciou Julia, apertando Clare contra o peito. — As ilustrações eram mais do que obras de arte, para nós. Têm um grande valor sentimental. Quando o *dottore* Vitali nos ligou para dizer que tinham sido roubadas...

Julia roçou o rosto no da filha, como se precisasse de ocultar a sua expressão.

— Lamento muito — sussurrou Raven.

— Gabriel tem esperança de que sejam recuperadas, mas não sei se isso será muito provável. Acho que a única coisa que podemos fazer é rezar.

— É possível que as ilustrações já tenham sido roubadas uma vez anteriormente e que tenha sido assim que vieram a pertencer à família que as vendeu ao meu marido. — Julia suspirou. — Acho que nunca saberemos.

Raven ficou curiosa com a observação, uma vez que era uma possibilidade que não fora revelada no folheto do *dottore* Vitali. Optou por não mencionar esse ponto.

— A polícia está a fazer tudo o que pode. Espero que as encontrem.

— Também espero. Parece americana. — Julia fitou-a com interesse.

— Sou de New Hampshire. Vivi tanto tempo na Florida que perdi a pronúncia.

— Eu sou da Pensilvânia, mas vivemos em Cambridge. — Julia

sorriu. — Acho que nunca vou ter pronúncia de Boston. O que é que faz na galeria?

— Conservação e restauro. Faço parte da equipa que está a trabalhar no *Nascimento de Vénus*.

Os olhos castanhos de Julia iluminaram-se.

— É uma das minhas pinturas favoritas. Acha que deixariam convidados ver o restauro? Eu prometo não atrapalhar.

— De certeza que o *dottore* Vitali pode arranjar qualquer coisa. Tenho todo o prazer em mostrar-lhe o que estamos a fazer, mas quem manda é o professor Urbano. Ele trabalhou no restauro da *Primavera* sob Umberto Baldini.

— Outra das minhas favoritas. Sempre adorei Botticelli. — O tom de Julia era melancólico. — Foi por isso que quisemos emprestar as ilustrações. Queríamos que outras pessoas as pudessem apreciar.

Raven parou e virou-se para ela.

— Deixe-me aproveitar para lhe dizer como fiquei feliz por poder vê-las. Vinha visitá-las quase todos os dias. Ficámos tão contentes quando a senhora e o seu marido decidiram prolongar a exposição por mais uns meses.

— Obrigada. — O sorriso de Julia desvaneceu-se. — Não consigo deixar de pensar que a culpa é minha. Convenci o Gabriel a deixar as ilustrações na galeria enquanto estávamos de licença com a Clare. E agora elas desapareceram.

— Tenho muita pena.

— Eu também.

Raven fitou-a com curiosidade.

— Disse que estavam os dois de licença? Também é professora?

— Sou professora assistente. Estou a fazer o doutoramento em Dante.

— Onde é que estuda?

Julia sorriu.

— Em Harvard. Ainda estou a terminar o trabalho curricular.

— O professor Emerson é especialista em Dante, não é?

— Sim. E a madrinha da Clare também era, mas já está reformada. Por isso parece que são necessários três especialistas em Dante para tomar conta de um bebé.

Raven riu-se e abriu a porta da sala de conferências. Fez sinal a Julia

para entrar na sua frente e mudou o sinal na porta para indicar que estava ocupada.

— Assim ninguém a incomoda. Precisa de alguma coisa? — Colocou o saco das fraldas na mesa comprida que dominava o espaço.

Julia sentou-se rapidamente e começou a revistar o saco. Removeu uma garrafa grande de água com gás.

— Se me arranjasse um copo, agradecia-lhe. Tento beber muita água quando estou a amamentar. — Retirou o *iPhone* da carteira e colocou-o na mesa diante de si. — Se precisar de mais alguma coisa, ligo ao Gabriel.

Raven foi buscar um copo a um dos armários na parede em frente e passou-o a Julia. Olhou para a criança, que tinha enormes olhos azuis como os do pai e uma abundância de fino cabelo escuro.

— Que idade tem a Clare?

— Nasceu em setembro passado. Tem quase nove meses.

— É linda. — Raven tocou suavemente na cabeça da criança.

— Obrigada. Acho-a muito parecida com o seu papá. Mas toda a gente diz que tem a minha boca. Tem filhos?

— Não. — Raven contraiu-se, desviando o olhar da criança para a mãe. — Se precisar de alguma coisa, vou estar no gabinete do *dottore Vitali*.

Julia encheu o copo com água.

— Muito obrigada.

— Espero que encontrem as ilustrações — disse Raven em voz baixa.

Julia ergueu o olhar para ela.

— Eu também espero. Perdê-las é muito mais do que perder obras de arte. — Julia olhou para a filha. — É como perder um membro da família.

Raven fez um aceno de assentimento e saiu da sala de conferências, fechando firmemente a porta atrás de si.

A senhora Emerson não era nada como imaginara. Era muito mais nova e mais simpática do que muitos dos importantes patronos e doadores que visitavam a galeria de vez em quando.

Raven sentiu pena dela, recordando a expressão de tristeza no seu rosto quando lhe falara da perda das ilustrações. Parecia que os Emerson amavam mesmo aqueles objetos. E agora tinham-nos perdido.

Quando se aproximou do gabinete do *dottore* Vitali, Raven reparou que a porta estava aberta.

O professor Emerson estava a falar alto em italiano, e a sua voz chegava-lhe agora pelo corredor.

— Disse-me que os *carabinieri* falaram com todos os patronos locais e tentaram entrar em contacto com toda a gente que veio à gala da inauguração da exposição. O que é que eles acharam de William York?

— De quem? — O *dottore* Vitali soou confuso.

— O jovem que me abordou na inauguração da exposição. Eu apontei-lho e o senhor disse-me que era uma espécie de eremita local que fez uma doação substancial à galeria para ser convidado.

— Não conheço ninguém com esse nome.

Raven aproximou-se da porta, tendo o cuidado de permanecer fora de vista.

— Mas o Massimo reconheceu o homem e pediu à sua secretária para ir procurar o nome. Não se lembra? É mais baixo do que eu, deve ter menos de um metro e oitenta, com cabelo louro. É inglês, de Oxford, acho eu. Disse-me qualquer coisa sobre ele estar a patrocinar o restauro do *palazzo* Medici Riccardi.

— Gabriel, meu amigo, não conheço ninguém chamado William York.

Raven ouviu o som de papéis a serem remexidos.

— Aqui está a lista de convidados da gala. O nome dele não consta. E eu não conheço nenhuma ligação entre um inglês e os palácios Médicis. O *palazzo* Riccardi é propriedade da província. Foram eles que financiaram o restauro, bem como um grupo seletivo de patronos italianos.

O professor Emerson praguejou de frustração e Raven ouviu o som de uma cadeira a cair.

Sem refletir nas suas ações, Raven aproximou-se da ombreira da porta.

— *Dottore* Vitali?

Olhou com ansiedade para o administrador da galeria e depois para o professor, que estava de pé ao lado da cadeira caída, com os punhos cerrados.

— *Signorina*. — Vitali fez-lhe um gesto para ela entrar antes de devolver a atenção ao professor. — Meu amigo, por favor, tenha calma. Vá ter com a sua mulher e filha e deixe que eu me preocupe com isto.

— Eu estou preocupado com isto, Massimo, porque me foi roubado algo que é muito precioso para mim. — O professor falou entre os dentes cerrados. — Vou garantir que essas ilustrações me sejam devolvidas. Essa vai ser a missão da minha vida, a partir deste momento. Eu juro que conheci um William York. Ele comportou-se de uma maneira muito estranha na exposição, e nós os dois até falámos a seu respeito a seguir. Ele parecia irritado e, embora fosse novo, é um homem com os bolsos cheios. Alguém precisa de verificar o registo de patronos e encontrar a sua doação. O senhor disse-me que ele deu vários milhares de euros à galeria.

O professor Emerson colocou os punhos sobre a secretária de Vitali e inclinou-se para ele.

— E se nem o senhor nem os *carabinieri* verificam isto, eu vou pessoalmente contratar alguém que complete esta investigação.

Um longo olhar passou entre os dois amigos.

Raven moveu-se, pouco à vontade, a olhar, por cima do ombro, para a porta aberta. Tinha vontade de desaparecer dali.

— *Va bene* — disse Vitali por fim, acenando ao amigo. — Fale com o *ispettor* Batelli. É o responsável pela investigação.

— Obrigado. — O professor Emerson endireitou-se e, sem mais uma palavra, saiu do escritório.

Raven esperou, a ver o *dottore* Vitali fechar os olhos e debruçar-se para a frente sobre a secretária, quase como se estivesse a rezar.

Por fim, abriu os olhos e indicou uma cadeira.

— *Signorina* Wood. Explique-me essa sua súbita mudança de aspeto. E diga-me onde esteve na semana passada.

Raven sentou-se, respirou fundo e começou a sua história.

Ao sair do escritório de Vitali, Raven percorreu o longo corredor mergulhada em pensamentos.

Ele não a suspendera. Fizera perguntas severas sobre o seu aspeto, a sua ausência e a conversa que tivera com a polícia. O semblante frio pareceu atenuar-se à medida que ela respondia. Quando a conversa terminou, Raven acreditava que o convencera de que não tinha nada a ver com o assalto.

Ele enviara-a de volta para o trabalho, informando-a de que a semana de ausência lhe seria deduzida dos seus dias de férias. Raven ficou aliviada por não ter sido suspensa ou despedida.

Percorreu o corredor, a refletir nas ilustrações originais de Botticelli para a *Divina Comédia*. Tinham sido preparadas para Lorenzo di Pierfrancesco de Médicis, que era também o proprietário da *Primavera*.

Perguntou-se se os ladrões o saberiam. Perguntou-se se os ladrões seriam particularmente devotos de Botticelli ou apenas oportunistas.

Imaginou um grupo de duros criminosos a atirarem as inestimáveis ilustrações para dentro de sacos de plástico e a enfiá-las em mochilas. Eles não saberiam tratar das obras adequadamente. Não iriam protegê-las.

Provavelmente puseram-nas em cima de uma mesa de cozinha algures e estão a tomar o pequeno-almoço em cima delas, neste momento.

Estremeceu, a imaginar gotas de leite ou de café a macular a bela tinta e as cores raras e brilhantes. Imaginou os ladrões a fumarem, talvez a deixarem cair cinza sobre os rostos de Dante e Beatriz.

Idiotas.

Se os ladrões fossem devotos de Botticelli, não admirava que tivessem roubado as ilustrações. O tamanho e peso da *Primavera* eram tais que a pintura não poderia ter sido removida da Uffizi sem uma equipa de homens e o uso de equipamento pesado.

Era provável que não soubessem que o *Nascimento de Vénus* estava no laboratório de restauro no andar inferior. O laboratório era seguro, mas a sua segurança não era tão elaborada ou sofisticada como a dos salões de exposições. No entanto, tal como a *Primavera*, a pintura era grande e pesada e exigiria várias pessoas para ser transportada. Não era propriamente uma peça que alguém pudesse passar por uma janela.

Com tais pensamentos na cabeça, Raven deu por si a entrar na sala Botticelli. Dirigiu-se de imediato para a frente de *Primavera*.

A sala parecia desequilibrada. A grande e imponente pintura era normalmente contrabalançada pelo *Nascimento de Vénus*, mas este fora levado para baixo havia quase um ano. Ainda demoraria alguns meses a regressar ao seu lugar de direito.

Raven aproximou-se mais da *Primavera*, e os seus olhos focaram-se na figura masculina no lado esquerdo. Observou as suas mãos, os músculos e forma dos braços, a pele perfeita. Admirou-lhe o peito e pescoço e, por fim, o rosto. Possuía olhos pálidos e um nariz direito, os lábios cheios, o cabelo comprido.

Alguma coisa no cabelo desagradava-lhe, como se fosse incongruente com o resto. Mas o rosto...

Ouviu uma voz sussurrar-lhe ao ouvido, mas não conseguiu perceber as palavras.

Deu meia-volta. Não havia ninguém atrás de si.

Levou um momento a fechar os olhos e a concentrar-se na própria respiração, enquanto tentava com todas as suas forças debelar a ansiedade que a inundava.

Com um último olhar para a figura de Mercúrio, dirigiu-se para a porta, preparando-se para o encontro com o professor Urbano.

Capítulo 7

Ao cair da noite, Aoibhe estava sentada no Teatro a beber de um copo especialmente concebido para manter o conteúdo morno e líquido.

O Teatro era um clube secreto localizado no centro da cidade. Fora fundado pelo príncipe no século dezassete como uma espécie de salão social ou local de encontro. Com o tempo, evoluíra para algo muito menos intelectual. Pertencia agora ao Consilium de Florença, embora ocultasse a sua propriedade por detrás do nome de uma corporação suíça.

Florença e os outros principados secretos na Europa eram anteriores ao tempo dos romanos. Os governantes das sombras e os seus conselheiros controlavam a população sobrenatural dentro de fronteiras específicas, cidades, de uma forma geral. Na Idade Média, os principados na Itália tinham sido organizados sob o domínio do rei, em Roma.

Dentro das fronteiras de Florença, o príncipe tinha poder absoluto. Na sua sabedoria, ele formara um Consilium, ou conselho governante, do qual era membro honorário. O Consilium funcionava como uma corte e punia ou bania os que infringiam a lei. Também supervisionava a organização da sociedade do submundo e a sua proteção, em particular contra as incursões de outras cidades ou territórios.

Quando o príncipe se cansou de lidar com o Teatro, o Consilium assumiu o seu controlo, usando-o como espaço de diversão e alimentação.

O clube incluía um grande espaço central com pista de dança e um bar; dois lados da área eram dotados de mesas e sofás baixos. As paredes

e teto eram pintados de um preto-arroxeadado, a iluminação era esparsa e sensual, e a mobília estofada de veludo — preto ou vermelho.

No outro lado da pista de dança, havia um palco com pesadas cortinas de veludo vermelho. As paredes exibiam enormes ecrãs planos que passavam projeções de obras de arte e pinturas de uma variedade de estilos — todas de tema profano, muitas de cariz sexual. Do espaço central partiam diversos corredores que davam para salas privadas, penetrando na escuridão como uma teia de aranha.

As aranhas desta teia eram os habitantes do submundo, com exceção do príncipe. Havia anos que ali não entrava. Consequentemente, era um lugar excelente para Aoibhe recuperar do seu orgulho ferido e contemplar como poderia fazê-lo mudar de ideias.

Os seus olhos escuros percorreram os corpos que se contorciam na pista de dança, a mente a bloquear a música alta e vibrante. A sua raça era sensível ao som, e ela sempre achara a música industrial e gótica dissonante. Mas atraía os humanos, por isso era o que o DJ tocava. (Aoibhe preferia música dos menestréis irlandeses, mas não tivera sucesso em persuadir o DJ a tocá-la. Na próxima vez levaria tampões para os ouvidos, decidiu.)

O bar servia álcool aos humanos, e as drogas eram facilmente disponíveis. Vítimas inebriadas eram mais fáceis de manipular e confundir, mas essas substâncias afetavam o seu sabor. Os mais velhos e poderosos evitavam o seu uso, preferindo seduzir ou hipnotizar as suas presas, em vez de as sedar.

Alguns casais e pequenos grupos envolviam-se em várias atividades sexuais pelos sofás. O sangue e o sexo estavam intimamente relacionados, para os da raça de Aoibhe, o que significava que havia também em andamento uma saudável dose de alimentação. O seu nariz enchia-se com os vários odores de sangues individuais, o aroma a provocar-lhe tonturas.

Observou as atividades com entediado distanciamento. Já vira tudo aquilo antes, e, de momento, pelo menos, não havia nada que a interessasse. O coito em si e certos fetiches eram reservados às salas privadas, em deferência para com os escrúpulos e costumes sociais de alguns dos humanos. As aranhas necessitavam que os humanos chegassem em grande número todas as noites, sem medo e sem estardalhaço.

Aoibhe não se interessava pelo que os outros faziam com os seus

brinquedos humanos nem o que faziam uns com os outros. Como um dos seis membros do Consilium, era obrigada a seguir as regras do Teatro e a garantir que as regras do Teatro eram seguidas.

Proibido matar.

Proibido transformar.

Alimentar tinha de ser consensual, mas o controlo mental e o uso de álcool e drogas era permitido.

A última regra era confusa para muitos, mas servia para manter a atmosfera sedutora. Era improvável que os humanos aparecessem e se oferecessem depois de verem, noite após noite, outros seres humanos a serem atirados ao chão, violados e exauridos do seu sangue.

O controlo mental era ineficaz em alguns humanos. Os de mente mais forte não podiam ser dominados, nem os particularmente religiosos ou aqueles que usavam certos talismãs. Mas os membros das duas últimas categorias não podiam entrar, nem que suplicassem.

Aoibhe suspirou. As regras deviam ter sido feitas pessoalmente pelo príncipe, apesar do seu desprezo pelo clube. Cheiravam ao seu comedimento e controlo, e à humanidade que espreitava mesmo abaixo da superfície da sua pele.

Sorriu.

Ele deixara que fosse o seu corpo a mandar, naquela manhã. Era daqueles momentos que mais gostava; quando o rígido e controlado príncipe dava e recebia prazer. Ele era magnífico. Era poderoso. Era perigoso.

Desejava-o. Provava-se um excelente amante, apesar do seu desdém por relações de longo prazo. Aoibhe sentia por ele um não pequeno desejo, e até alguma afeição.

Acima de tudo, desejava a sua cidade. Como consorte, partilhariam o poder, e, quando o eventual destino dos da sua raça o levasse, seria dela o controlo da cidade.

Aoibhe terminou a sua bebida e fez sinal a uma das empregadas para lhe levar outra.

Evitou ativamente André, o empregado do bar e gerente do clube, porque ele tinha uma doença de sangue. A doença tornava-o o intermediário ideal entre o seu género e os humanos. Apenas um selvagem lhe tocaria, pois o seu odor era nauseante. Só conseguia imaginar quão revoltante seria o sabor.

Naquele momento, uma rapariga atirou-se aos seus pés.

— Socorro — gritou, erguendo os aterrados olhos azuis para o rosto de Aoibhe.

Ela pousou a sua bebida.

Ergueu o queixo da rapariga, reparando que tinha sangue ao canto da boca e a fluir de um ferimento no pescoço. A rapariga estava a tremer de terror, e começou a agarrar-se aos saltos agulha de Aoibhe.

— Piedade — repetiu. — Não quero morrer.

Aoibhe fechou os olhos e inspirou fundo.

Os humanos não compreendiam como as suas ações e emoções afetavam o seu cheiro. Apenas um cão conseguia sentir a fúria ou o medo num ser humano, ou cheirar a doença, e os membros da raça de Aoibhe também o conseguiam. Tinham evoluído ao ponto de conseguirem cheirar o caráter de uma pessoa. Certos vícios, como a violação ou o assassínio, tornavam os seus praticantes repulsivos, enquanto os que eram decentes e bons tinham um cheiro — e, mais importante, um sabor — delicioso.

O cheiro da rapariga era suficientemente doce. Nada de excepcional, como o da que o príncipe encontrara, mas tentador, decerto. Era limpa e, ao que parecia, boa. Aoibhe perguntou-se o que passara pela cabeça de uma pessoa daquela qualidade para a fazer ir ao Teatro.

Uma mão grande agarrou o cabelo louro e encaracolado da rapariga, puxando-lhe a cabeça para trás.

— Agora, vais pagar.

— Socorro — gritou a rapariga, fechando os braços em torno das pernas de Aoibhe. — Por favor.

Aoibhe lançou um olhar impaciente a Maximilian.

— Se queres desprezar as regras, vai fazer isso noutra qualquer. Caso contrário, serei obrigada a denunciar-te.

— Vai fornicar-te, Aoibhe. Eu também sou membro do Consilium. Isto não é da tua conta.

Levantou a rapariga e ela começou a gritar histericamente, contorcendo-se e tentando subir para o colo de Aoibhe.

Esta franziu o sobrolho, reparando que um grupo de humanos e os seus companheiros não-humanos tinham começado a olhar na sua direção.

— Estás a fazer uma cena. Vê se a controlas ou larga-a.

— Não, não! — A rapariga gritou mais alto.

Maximilian parecia estar a gostar do espetáculo. Envolveu-lhe a

cintura com os braços e puxou-a contra o seu corpo, esfregando o baixo-ventre contra as costas dela. Levou a boca ao ferimento no seu pescoço e a sua língua começou a lamber o sangue como um cão.

Aoibhe bufou antes de estender um dedo e obrigar a rapariga a olhá-la nos olhos.

— Silêncio — ordenou.

A rapariga parou de se mover, apesar do homem que lhe atacava o pescoço. Os seus olhos abriram-se mais enquanto se fixavam em Aoibhe, que falava num tom tranquilizador.

— Tu não tens medo. O medo já passou. Olha para os meus olhos e concentra-te no som da minha voz. Agora sou eu a tua senhora.

A rapariga anuiu quase impercetivelmente.

— Inspira fundo e sente o teu coração bater mais devagar. Linda menina.

— Aoibhe, para com isso. — Max ergueu a cabeça, apertando a sua presa com mais força.

Sem quebrar o contacto ocular, Aoibhe falou.

— Tarde de mais. Eu disse-te para a controlares.

Ergueu uma mão, fazendo sinal aos porteiros.

Max soltou um berro de fúria e tentou puxar a rapariga para trás. Mas foi detido pela chegada de dois homens enormes. Funcionavam como uma espécie de segurança do clube e pertenciam à mesma raça que ele e Aoibhe.

Esta pestanejou e a rapariga fechou os olhos e descaiu para cima de Max.

— Tomas, Francesco. Tenham a bondade de escoltar *Sir Maximilian* até à saída. Ele desobedeceu às regras. — Aoibhe fez-lhe um olhar de aversão.

— Não me podes fazer isto! Não me podes expulsar. — Max inclinou-se para a frente, mas Aoibhe estendeu a mão.

— Mais um passo e eu ponho-te na rua pessoalmente. Sou pelo menos um século mais velha do que tu. Queres mesmo desafiar-me?

Max soltou um ronco de desprezo, mas não se mexeu. Tal como Aoibhe, sabia que quanto mais velho o ser sobrenatural, maior o seu poder. E, de facto, a força e agilidade de Aoibhe eram bem conhecidas. Se ela quisesse Max morto, conseguiria matá-lo. Mas não no interior da cidade — não sem uma causa, pelo menos.

O maior dos dois porteiros olhou de relance para a rapariga inconsciente.

— E a humana?

Aoibhe fez um aceno com a mão.

— Ele pode levá-la.

A cabeça de Max endireitou-se de surpresa.

A ruiva sorriu lentamente.

— Podes considerá-la como um último presente. Já não és bem-vindo aqui dentro. Se regressares, faço queixa ao Consilium e perderás a tua posição.

Max cuspiu na direção dela, que virou a cabeça rapidamente, o jato de saliva a aterrar na parede atrás de si.

Aoibhe ofereceu-lhe um longo e lento sorriso.

— Bom proveito.

Ele ergueu a rapariga inconsciente nos braços e os homens escoltaram-no para fora do clube.

Os que tinham interrompido as suas atividades para observar o confronto entre os seres sobrenaturais deram por si rapidamente distraídos por outros interesses.

Aoibhe endireitou o vestido. Lidar com Max e os outros egos masculinos dos da sua espécie era cansativo. Por que raio não podia ele cumprir as regras?

O príncipe não dava espetáculos públicos, mesmo quando encontrava por acaso algum *vintage* extraordinário, como lhe acontecera recentemente. Limitava-se a tomar o humano e a alimentar-se em privado, livrando-se discretamente do corpo ou mandando Gregor fazê-lo.

— Parece estar a precisar de companhia. — Uma voz suave soou-lhe ao ouvido.

— Ibarra. — Ela sorriu calorosamente para o gigante basco que se aproximara.

Ele beijou-lhe as faces e fez sinal à empregada para lhe levar uma bebida.

— E como está a bela Aoibhe, esta noite? — Sentou-se ao seu lado no sofá, colocando uma mão à volta do seu ombro.

— Aborrecida, neste momento. Acabei de pôr Max na rua. — Suspirou dramaticamente.

— De certeza que o mereceu.

— Sim. Estúpido insolente.

Quando as bebidas chegaram, tocaram os copos antes de começarem a beber.

Ibarra pousou o seu numa das mesas.

— Vamos precisar de mais recrutas, se queremos livrar-nos de desordeiros como o Max.

— O melhor é matá-lo e acabar logo com o assunto.

— Não dentro da cidade. — Ele piscou-lhe o olho e ela riu-se.

— Então, leva-o para fora da cidade. Dou-te tudo o que tu quiseres, se me livrares dessa peça. Já tive problemas com ele duas vezes no mesmo número de semanas.

— Tudo o que eu quiser? — Ele passou as costas da mão pelo pescoço dela.

Ela aproximou-se mais do basco.

— Dentro do razoável, Ibarra. Embora me sinta bastante tentada a oferecer-te *carte blanche*, neste momento.

Ele fez-lhe um olhar faminto.

— Não me vou esquecer disso. Diz-se que o problema do Max foi com o príncipe.

— Um problema com o príncipe é um problema comigo. — O tom de Aoibhe era áspero.

Ibarra fez um sorriso triste.

— Infelizmente, cheguei tarde de mais.

— Não, não chegaste. — Ela beijou-o avidamente, mas afastou-se quando ele estava pronto para responder. — Como estão a correr as patrulhas?

Ele gemeu e limpou a boca com as costas da mão.

— Tens de me avisar antes de fazeres isso. Agora, olha para mim. — Acenou para o colo, frustrado.

— Posso mandar alguém resolver já o assunto. — Aoibhe virou-se na direção de um grupo de jovens sentadas por perto.

Ibarra levou-lhe uma mão ao pulso.

— Eu preferia que fosses tu a resolvê-lo.

— Sou demasiado velha para me ajoelhar em público. — Lançou-lhe um olhar gelado e retirou a mão.

— Quem é que falou em ajoelhar? Senta-te aqui e dou-te o prazer que quiseres. — Acenou para a virilha.

Ela fez uma pausa, os olhos a dardejarem para o colo dele. Era

verdade que Ibarra era muito atraente. E o príncipe sempre fora indiferente às atividades românticas que ela levava a cabo.

— Noutra altura, talvez. — Lambeu os lábios. — Fala-me das patrulhas.

— Olha que eu não me esqueço da tua promessa.

— É melhor esqueceres.

Ele gemeu outra vez e balbuciou uma praga em basco.

— As patrulhas correram bem. As nossas fronteiras estão seguras.

Aoibhe arqueou uma sobrancelha.

Ele franziu a testa.

— O que foi? Estou a dizer a verdade.

— Há poucos dias, um selvagem escapou-se às vossas patrulhas. O Pierre encontrou-o por acaso, mas a criatura conseguiu escapar.

— Um incidente isolado. Já andamos à procura dele e não vamos demorar muito a encontrá-lo.

— Há rumores de que alguns dos selvagens têm andado a formar bandos. Eu não teria muita pressa para lutar uma guerra contra eles. São animais.

Ibarra riu-se.

— Com o devido respeito, Aoibhe, nós também somos animais.

— Disparate. — Ela soltou um som de desdém. — E também houve aquilo que aconteceu há dois anos. O príncipe teve de lutar sozinho contra um grupo de assassinos. Atacaram-no junto a um hotel.

Ibarra fez uma risada de troça.

— Ele é dos antigos. Sabe tratar de si.

— Um bando de selvagens conseguiria dominar um antigo. — O seu olhar perdeu-se no espaço por um momento. — Que idade achas que ele terá?

— Estás há mais tempo em Florença do que eu. Diz-me tu.

Ela virou para ele os seus olhos curiosos.

— Se tivesses de calcular...

Ibarra passou os dedos pelo espesso cabelo preto.

— Mesmo que não soubesse nada da sua história, diria que é um antigo, dada a sua força e disciplina. Os antigos têm pelo menos setecentos anos. Uma vez que ele tem a posse do principado desde o século catorze, eu diria que é muito mais antigo do que isso.

— O seu tempo está quase a terminar — murmurou ela.

— Não tenho tanta certeza disso. Não vejo nenhum sinal de loucura. Tu vê?

— Não, mas disseram-me que a loucura se vai instalando muito lentamente.

Ibarra acenou com uma mão no ar.

— Se é, de facto, uma maldição, como é que poderia afetar-nos a todos? *Eles* não teriam de nos conhecer a todos e amaldiçoar-nos individualmente?

Aoibhe estremeceu, como acontecia sempre que o seu inimigo comum era mencionado.

— Não fales deles.

— Como queiras. Mas não me parece que sejam tão poderosos como toda a gente pensa.

— Como está Veneza? — Ela mudou de assunto.

— Os venezianos parecem extraordinariamente plácidos, dada a sua história. Dizem que preferem estar sob o nosso príncipe do que sob Marcus. Acham que ele era um tirano.

— Um tirano extremamente inteligente. Não compreendo como é possível que tenha levado a cabo um atentado tão descuidado, quando conhecia o poder do nosso príncipe.

Ibarra encolheu os ombros.

— A nossa cidade é muito desejável. Marcus queria expandir o seu território.

— O Romano nunca o permitiria.

— Quem sabe se o Romano ainda existe. Já teria passado há muito os mil anos, se existisse. Acho que foi destruído há anos mas que mantiveram o seu nome vivo, referindo-se a quem quer que esteja no comando como «o Romano», para manter toda a gente na linha.

Aoibhe observou-o por um momento para ver se ele falava a sério. Depois riu-se.

— Tu inventas.

— Nunca conheci ninguém nem nunca ouvi falar de ninguém vivo que tenha conhecido o Romano. Ele é uma figura de proa para quem quer que tenha assumido o controlo do reino de Itália.

Ela sorriu.

— Vivo em Itália há muito tempo. Teria sabido se o Romano tivesse sido deposto. Vamos ter de concordar em discordar.

»Desde que Pierre esbarrou com aquele selvagem que tenho querido convocar uma reunião. Precisamos de aumentar as patrulhas de fronteira para nos protegermos contra incursões. Isso significa que vamos precisar que novos recrutas preencham as posições inferiores, para podermos promover os mais novos.

Ibarra acariciou o rosto de Aoibhe com um único dedo.

— Não sei porque é que não és o tenente do príncipe.

Ela revirou os olhos.

— Porque Lorenzo, *o magnífico*, é um Médicis. Nasceu aqui, enquanto eu sou meramente uma estrangeira.

— O príncipe é um tolo.

— Não digo que não.

Ibarra ergueu o copo.

— À tua, Aoibhe. Que vivas para sempre.

Ela ergueu também o seu.

— Que viva mais do que isso.

Capítulo 8

A mesa da cozinha de Raven estava juncada de lápis de carvão, borrachas, aparas de lápis, bolas de algodão e papel. Tinha dois dedos da mão direita pretos, de ter estado a esfumar, e começara a roer a ponta de um lápis enquanto examinava o seu último esboço.

Era o retrato de um homem de olhos perturbados e um queixo quadrado. O cabelo curto caía-lhe descuidadamente sobre a testa, mascarando em parte as rugas sobre as sobrancelhas fortes. O nariz era direito, a boca cheia e sem indícios de um sorriso.

Havia qualquer coisa que faltava na sua expressão. Raven não sabia o que era.

Após um dia desastroso no trabalho, fora ao orfanato onde trabalhava como voluntária. Tanto as crianças como os funcionários tinham ficado compreensivelmente confusos com a mudança de aspeto de Raven, que ela explicou como sendo resultado de uma dieta radical e fisioterapia.

Raven confidenciou a Elena, sua amiga e assistente do diretor do orfanato, os seus problemas na galeria. Elena ficara alarmada e dera-lhe o nome e morada de um dos seus muitos primos, que era advogado. Raven guardou a informação, prometendo contactar o primo dela antes de voltar a falar com a polícia.

Mais tarde, dirigira-se à missão franciscana para procurar Angelo.

Ele não estava ali. Ninguém o via há dias.

Convenceu o diretor da missão a reportar o seu desaparecimento à polícia, decidindo ser do seu interesse não o fazer pessoalmente. Depois foi para casa.

O seu pequeno T1 dava para a *piazza* Santo Spirito. As janelas do quarto, com persianas verdes, abriam-se para a praça, dando-lhe uma excelente vista da fonte central e da igreja ali perto.

A cozinha não tinha janela e marcava a entrada para o apartamento. Uma mesa simples com quatro cadeiras estava encostada a uma parede, enquanto a bancada e eletrodomésticos percorriam as outras duas.

Raven cozinhava bem, ainda que com simplicidade, sendo o peso uma preocupação constante. O seu gosto por massas, queijo e sobremesas e as restrições que a sua deficiência implicava sobre o exercício tornavam a perda de peso parecer quase impossível. Ela aceitava esse facto da mesma maneira como aceitava a sua solidão — com muda resignação.

Naquela noite, não encontrou muito com que se inspirar no armário nem no pequeno frigorífico. Devia ter ido às compras depois do trabalho, mas tivera preocupações mais urgentes.

Eram quase nove da noite quando se sentou para comer a sua modesta massa com *pesto* que retirou de um frasco e uma pequena salada de alface quase murcha. Abriu uma garrafa de *Chianti* e encheu um copo antes de voltar a tapar a garrafa com a rolha. O líquido cor de groselha animou-a, mas pouco comeu do jantar, preocupada como estava com o roubo das ilustrações, a sua súbita mudança de aparência e Angelo.

Depois, limpou a mesa e foi buscar o seu material de desenho, com uma repentina vontade de desenhar um retrato de Angelo. Mas alguma coisa a deteve. A sua mão ficou presa, como se não quisesse fixá-lo para a posteridade. Como se fosse um pecado contra a esperança relegá-lo a um desenho.

Em vez disso, pôs música a tocar e começou a esboçar o rosto de um desconhecido.

Quando terminou, Raven serviu-se de um segundo copo de vinho, ignorando por completo a louça por lavar. Aquilo era uma anomalia, já que costumava lavar sempre os pratos após cada refeição. Naquela noite, sentia mais necessidade de força moral do que de limpeza, e por isso ia bebericando o vinho enquanto olhava para o seu desenho.

O rosto era atraente e simétrico, com maçãs do rosto altas. A sua beleza quase feminina era contrabalançada pela masculinidade do queixo e da testa. Tirando uma ligeira semelhança com fotografias de um jovem Sting, o homem no retrato era para ela um desconhecido. Não sabia de

onde viera aquela imagem nem a razão por que se sentira compelida a desenhá-la.

Por vezes as Musas falavam línguas desconhecidas, e ela ignorava o que lhe queriam dizer.

Estava razoavelmente satisfeita com o desenho, embora soubesse que lhe faltava qualquer coisa. Num impulso, assinou-o, datou-o e deixou-o em cima da sua cómoda, aos pés da cama.

Depois, como se uma das Musas lhe estivesse a sussurrar ao ouvido, abriu o seu portátil, reparando que já passava agora das onze da noite, e pesquisou no Google o nome William York.

Encontrou várias entradas, uma das quais relatando a história de um menino de dez anos que assassinara uma menina. Raven estremeceu e abandonou esse *link*.

Percorreu com o olhar várias páginas de resultados, mas nada lhe chamou a atenção. Se houvesse um William York a viver em Florença, não era, certamente, uma figura pública. Não havia nenhuma entrada a seu respeito.

Raven terminou rapidamente o seu segundo copo de vinho, recordando o que ouvira o professor Emerson dizer ao *dottore* Vitali. Ele descrevera William York como uma espécie de eremita que doara dinheiro para ajudar a restaurar o *palazzo* Medici Riccardi.

Quando Raven clicou na página do *palazzo*, descobriu que as principais obras de restauro tinham sido feitas há muito tempo. Houvera trabalhos em 1874, quando o edifício passara a ser propriedade da província. Tinham sido feitas obras adicionais entre 1911 e 1929. As modificações mais recentes na propriedade haviam começado em 1992.

Era improvável, senão mesmo impossível, que William York financiasse as obras antes de 1929. O que significava que tinha de ter sido um dos patronos das de 1992. O *dottore* Vitali já trabalhava na Uffizi, por essa altura. E ele conhecia toda a gente importante da cidade. Uma vez que não reconhecia o nome, o professor Emerson devia estar enganado.

Mas ele falara com tanta segurança. E ficara indignado quando Vitali alegara não saber de quem estava ele a falar.

Mais estranho ainda, o professor identificara William York como um patrono da Uffizi. Raven tinha a certeza que o seu nome não aparecia na lista que o *ispettor* Batelli lhe mostrara naquela manhã.

O *palazzo* em si não era longe. Ficava a poucos passos do Duomo,

na Via Cavour. Ela podia fazer a caminhada até ao edifício, dar uma vista de olhos e voltar para a cama em hora e meia. Claro, seria preferível fazer isso durante o dia, ou talvez depois do trabalho, mas atrairia atenções sobre si própria se visitasse o *palazzo* durante o dia. E havia o problema do seu horário de trabalho.

Talvez fosse possível, pensou, enquanto enfiava uma camisola com capuz, falar com um segurança sobre os patronos do edifício, já que o guarda estaria provavelmente desocupado e entediado, àquela hora tardia. Os guardas da Uffizi eram um poço de informações, e Raven sempre os achara bastante simpáticos, quando alguém queria falar com eles.

Talvez o segundo copo de vinho a tivesse deixado mais ousada. Talvez fosse apenas a sua suspeita de que não conseguiria dormir sem gastar alguma energia. Mas, fosse qual fosse a verdadeira razão, ela saiu do apartamento com a sua mochila, esperando descobrir alguma coisa que a voltasse a pôr sob as boas graças do *dottore* Vitali.

Apesar da hora tardia, as ruas estavam cheias de pessoas a passear. Raven cruzou-se com várias jovens famílias na *piazza*, pais que passeavam crianças a dormir nos carrinhos. Sempre achara surpreendente que os pais florentinos fossem tão liberais nas horas de deitar.

Quando chegou à ponte, respirou fundo e começou a correr. Como lhe acontecera naquela manhã, sentiu alegria a cada passo, o corpo a explodir de prazer.

Estava tão cativada pela sua experiência que não reparou no homem que a seguia à distância numa *Vespa* preta. Vestia de preto e usava capacete.

Correu até ao Duomo, pausando para observar a cúpula de tijolo vermelho. Ela não o podia saber, mas o príncipe, que ia quase sempre, ao pôr do sol, ao cume do edifício, não o fizera naquela noite. Em vez disso, passara horas noutros, mais importantes, afazeres.

Não surpreendentemente, o *palazzo* estava fechado quando ela chegou às suas portas duplas. Erguendo o olhar para os andares superiores do edifício, viu luz a emanar das janelas. Alguém estava a trabalhar, mesmo àquela hora tardia.

Num impulso, virou na Via de' Gori, seguindo a parede exterior do *palazzo*, e virou à direita na Via de' Ginori. Ali encontrou a entrada das traseiras, as suas pesadas portas de madeira localizadas no interior de um elaborado arco de pedra. Enormes aros de ferro negro flanqueavam

as portas e Raven calculou que deviam ter sido usados para prender os cavalos, em tempos.

À direita do arco, havia uma pequena caixa branca na parede. Raven reconheceu-a como parte de um sistema de segurança. Decerto que, quem quer que estivesse a guardar o *palazzo* durante a noite, devia monitorizar a porta. Só levaria um momento a fazer-lhe umas perguntas.

Carregou no botão de chamada e esperou.

E esperou.

Esperou pelo que lhe pareceu uma eternidade, a ver passar os peões e o ocasional automóvel. Não viu a *Vespa* preta à esquina, nem o condutor, que fingia consultar o telemóvel. Não viu a figura misteriosa que a observava do telhado do edifício em frente.

Com um suspiro, virou-se para partir, quando começou a ouvir estática a emergir do intercomunicador e depois uma voz.

— Qual é o assunto?

Inclinou-se para a frente para se aproximar do aparelho.

— Boa-noite.

— Qual é o assunto? — repetiu o homem, o tom vazio e indiferente.

— Peço desculpa por incomodar — gaguejou, a pensar no que haveria de dizer. — Devia ter passado aqui durante o dia, mas não tive oportunidade. Estou à procura do... humm... do *signor* William York. Sabe como posso contactá-lo?

Raven esperou por uma resposta, lamentando o seu impulso para usar o nome do eremita. Mas já era demasiado tarde para a discrição.

Interiormente, tentou formular uma explicação para a razão por que queria falar com William York. Mas a voz não lhe fez essa pergunta.

De facto, a voz não lhe perguntou absolutamente nada. Fez-se um longo, fértil silêncio.

— Só um momento.

Raven ficou chocada. Esperara vagamente conseguir sacar alguma pequena informação de um dos seguranças. Não esperara que eles reconhecessem o nome de William York, e muito menos que lhe dessem informação do seu contacto. Estaria o professor Emerson, afinal, correto e William York seria um patrono do *palazzo*?

E, se Emerson soubera de William York por Vitali, porque estava este a negá-lo?

Raven começou a ficar cada vez mais nervosa. Se existia uma pessoa

com o nome William York que tivera tanto cuidado para proteger a sua identidade, como se sentiria por ela aparecer a fazer perguntas a seu respeito? E se ele estivesse relacionado com o roubo na Uffizi?

Deu uns passos cautelosos para trás, a olhar em volta para ver se havia por perto alguém com um aspeto suspeito. De momento, pelo menos, parecia estar sozinha.

Decidiu que era mais seguro ir-se embora e afastou-se rapidamente. Enquanto andava, reparou numa pequena câmara preta localizada no alto do arco de pedra e a apontar na sua direção.

Maravilhoso. Agora sabem como eu sou.

Estática emergiu de novo do intercomunicador e Raven estacou.

— Não há aqui ninguém com esse nome. Pode ir. — Era outra pessoa a falar. A sua voz era mais melódica, é certo, mas também hostil.

Aproximou-se do aparelho.

— Desculpe, não queria incomodar, e...

Raven foi rapidamente interrompida.

— Está na altura de se ir embora.

Não precisou que lhe pedissem duas vezes. Começou a correr na direção do Duomo, o mais depressa que as suas pernas lhe permitiam. Uma *Vespa* preta partiu de onde estivera parada na outra esquina, e seguiu na direção oposta.

Raven estava demasiado ansiosa para reparar no homem, e na mota, e no facto de, quando passou pelo Duomo, ele a estar a seguir.

Claro, não percebeu também que captara a atenção do ser decididamente não humano que se erguia no topo do edifício do outro lado da rua.

Capítulo 9

Quando Raven regressou ao seu prédio, tinha o coração a bater furiosamente. Acontecera algo de grave, tinha a certeza disso, e temia as consequências.

Abriu a porta do seu apartamento e carregou no interruptor da luz. Não aconteceu nada.

Com uma praga, fechou a porta atrás de si e trancou-a às cegas, deixando cair a mochila no chão. Foi tateando ao longo da parede até à casa de banho e encontrou o interruptor da luz.

Não aconteceu nada.

A balbuciar entre dentes aquilo que iria dizer ao senhorio na próxima vez que o encontrasse, avançou às apalpadelas para o quarto. Estava prestes a transpor a ombreira quando tropeçou em qualquer coisa, qualquer coisa que lhe pareceu alarmantemente um par de pés. Sentiu-se cair, mas, antes de atingir o chão, dois fortes braços envolveram-lhe a cintura, apanhando-a.

Assim que o intruso entrou em contacto com o seu corpo, ela gritou e recuou, caindo de costas. À luz difusa que entrava pela janela do quarto, quase viu a silhueta de uma figura parada na ombreira. Recuou atabalhoadamente como um caranguejo, dirigindo-se para a saída.

Sentiu a figura passar por ela. As suas mãos colidiram com os pés dele quando estava a chegar à porta do apartamento.

— Se gritas outra vez, vou ter de te silenciar. — Uma voz zangada, suave como seda, cortou a escuridão.

— O que é que deseja? — Raven tentou manter a voz firme. Mas falhou.

— Quero que respondas a umas perguntas. Senta-te aqui.

Raven ouviu uma cadeira ser arrastada no chão e sentiu-a junto à coxa.

Tentou rastejar até à mochila para retirar o telemóvel. A hipótese de sucesso parecia remota. Ele ia provavelmente agarrá-la.

O seu coração palpitava.

— Desligou a eletricidade?

— Não me dês razões para te magoar. — Ele bateu com a cadeira no chão, como que para enfatizar o que estava a dizer.

Ela sobressaltou-se.

Podia gritar por socorro, mas a vizinha mais próxima, Lidia, era dura de ouvido e estaria provavelmente a dormir. E costumava haver tanto barulho do tráfego de *Vespas* na *piazza* que duvidava que os seus gritos fossem ouvidos por qualquer outra pessoa.

— Estou à espera — rosnou ele.

Quem quer que fosse o homem, tinha uma voz jovem, mas o seu fluido italiano era decididamente antiquado.

Ela moveu-se devagar, pousando uma mão hesitante na cadeira e içando-se para cima. Sentou-se.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Uma questão mais importante é se terás algum bom senso. — Ele colocou-se atrás dela.

Ela virou-se, seguindo o som da voz.

— Quem é o senhor? O que deseja?

— Eu é que faço as perguntas. O que estavas a fazer no *palazzo* Riccardi?

O estômago de Raven contraiu-se. Talvez ele a tivesse seguido, ou talvez a tivesse visto no *palazzo*. Em qualquer caso, tinha de ser rápido, ou então viera de carro, para chegar antes dela.

Perguntou-se porque estaria a ocultar o rosto.

— Tens sido uma rapariga muito, muito estúpida. Não aumentes a tua estupidez desafiando a minha paciência. — O tom era mais ameaçador.

Ela inspirou fundo, obrigando a tensão a abandonar a sua voz.

— Foi um erro. Não devia ter lá ido.

— O que é que procuravas?

— Uma pessoa que trabalha no *palazzo*. Pensei dar lá um salto.

— À noite? Depois de fechado? — insistiu o homem.

Ela obrigou-se a soltar uma gargalhada, que soou mais como uma tosse estrangulada.

— Uma tontice, não é? Foi um erro.

— De quem é que ias à procura?

Ela hesitou e o homem levou o rosto a centímetros do seu. Conseguiu sentir-lhe o cheiro — um odor a citrinos e madeira. Não era desagradável.

— William York.

Se o intruso reconheceu o nome ou ficou surpreendido por ele, não deu qualquer indicação disso.

— É um nome estranho, para um italiano. — O tom do homem tornou-se casual. — É teu amigo?

— Não. Nunca o conheci.

— Então porque é que ias à procura dele?

— Por razão nenhuma.

Uma mão pesada pousou no seu ombro.

— Essa não é uma resposta aceitável.

A mão fletiu-se lentamente e Raven teve de cerrar a boca para se impedir de gritar.

Uma miríade de antigas ansiedades e medos rodopiaram pela sua mente. Estava aterrada com a possibilidade de o intruso a querer violar e assassinar assim que tivesse a informação que procurava.

Pensou na irmã mais nova, Carolyn, de não ter tido hipótese de lhe dizer uma última vez que a amava.

A mão fletiu-se outra vez.

— Hmm, eu trabalho na Uffizi e...

— Isso eu sei — interrompeu o intruso.

— Sabe? — repetiu ela.

— Sei muitas coisas. Continua.

Ela moveu-se na escuridão, a perguntar-se porque, de repente, aquela voz lhe parecia conhecida. Não era o agente Savola nem o *ispettor* Batelli, disse tinha a certeza. Mas, algures nos recessos da sua memória, sabia já ter ouvido a sua voz antes. Não se lembrava de quando.

— Quando estava no trabalho, ouvi dizer que esse homem, William York, estava associado ao *palazzo* Riccardi. Foi a única coisa que ouvi.

A mão ergueu-se do seu ombro.

Raven apurou os ouvidos, a tentar ouvir algum movimento.

Sentiu o homem inclinar-se para ela e levar o nariz ao seu pescoço. Ela saltou com o contacto, pois o nariz dele, tal como a mão, estava frio.

O intruso inspirou lenta e profundamente. Raven desviou-se, a tentar desesperadamente bloquear a náusea que lhe subia do fundo da garganta.

Ele soltou um grunhido e recuou, como se tivesse sentido um cheiro revoltante.

— Percebo quando estás a mentir. Que mais ouviste dizer?

— Eeeh, que o Sr. York doou dinheiro à Uffizi para ser convidado para a inauguração de uma exposição especial, há uns anos.

— Quem foi que disse isso?

Quando ela não respondeu, um único dedo tocou-lhe o pescoço, deslizando pela sua garganta abaixo.

Raven encolheu-se.

— Uma pessoa de nome Emerson. Não vi com quem estava a falar. Ele levou os lábios ao seu ouvido.

— Tenta outra vez.

— Emerson estava a falar com o *dottore* Vitali.

Com isto, o homem endireitou-se.

— Vitali? Tens a certeza?

— Tenho.

— Mencionaste a alguém esta conversa? A um amigo, aos *carabinieri*?

— Não.

O intruso ficou em silêncio.

Raven esperou que ele fizesse alguma coisa.

Mas não fez nada. Não se moveu. Não suspirou. Ela nem sequer o ouvia respirar.

Mudou de posição no assento, a tamborilar com os pés no chão. Perguntou-se se conseguiria usar a cadeira como arma, lançando-lha à cabeça para ganhar tempo suficiente para chegar à porta. Mas não duvidava que o homem fosse mais rápido do que ela e, se falhasse, poderia reagir com violência.

Os seus pés bateram com mais força enquanto ela se perguntava se se atreveria a arriscar a sua sorte.

Depois a voz do intruso soou ao seu ouvido.

— Foste a um orfanato e a uma missão, hoje. Porquê?

Raven ficou gelada.

— Andou a seguir-me?
— Responde à minha pergunta. E diz a verdade.
— Trabalho como voluntária no orfanato depois do trabalho. E um amigo meu, um sem-abrigo, desapareceu. Fui à missão franciscana ver se lá estava. Mas não o encontrei.
— Um sem-abrigo?
— Aquele que costuma estar sentado junto à ponte Santa Trinita, no outro lado do rio. É deficiente, como eu.
Ela ouviu o homem mover-se, quase impercetivelmente.
— Hmm, quero dizer, já fui deficiente. Já não sou.
— E ele foi visto na Ordo Fratrum Minorum?
— Ordo Fratrum Minorum? — repetiu ela.
— Os franciscanos — clarificou ele impacientemente.
— Não. Estou com medo que lhe tenha acontecido alguma coisa.
— Preocupas-te com essa criatura? — A voz do intruso era incrédula.
— Não fale dele dessa maneira. — Raven eriçou-se. — Sim, preocupo-me com ele. A maior parte das pessoas ignora-o. Alguns, como o senhor, gozam com ele. Mas é uma pessoa muito bonita.
— Suponho então que te preocupas também com os órfãos... — referiu ele numa voz desdenhosa.
Ela franziu o sobrolho.
— Claro.
— Se alguém atacasse o teu querido sem-abrigo e o tentasse matar, intervinhas?
Raven hesitou.
— Teria medo de intervir, mas não conseguiria ficar ali parada sem fazer nada. Pediria ajuda.
O homem fez um *hmmm*, como se a resposta dela lhe desagradasse.
— Não conseguiria ficar sem fazer nada — repetiu a rapariga, a voz a quebrar-se na última palavra. Uma memória antiga tentou dominá-la, mas ela afastou-a teimosamente.
OuvIU então qualquer coisa, como se ele estivesse a fazer chocalhar moedas no bolso.
— Se tivesses de escolher entre justiça e piedade, o que é que escolherias?
— Piedade — sussurrou ela.

— E se te encontrasses cara a cara com os que fizeram mal ao teu sem-abrigo, oferecer-lhes-ias piedade?

Ela hesitou, e ele riu-se.

— Era o que eu esperava. Até os mais magnânimos querem piedade apenas para aqueles que a merecem.

— Ninguém merece piedade. O facto de não ser merecido é que o torna piedade.

O homem ficou calado por tanto tempo que Raven se perguntou se se fora embora. Olhou por cima do ombro, perscrutando a escuridão para tentar vê-lo.

— O que é que vou fazer contigo? — perguntou ele suavemente.

— Solte-me, por favor. Respondi às suas perguntas. Eu não sei nada.

— Cometi um grave erro contigo. Agora parece que estou destinado a pagá-lo. — O tom do homem mudara; era baixo e imbuído de resignação.

— Por favor, solte-me — repetiu ela. — Eu não vou causar-lhe problemas.

— Receio que o problema não é o que tu fazes. É o que tu és.

O homem suspirou e Raven ouviu movimento, qualquer coisa que soava como se ele estivesse a esfregar o rosto.

— Sai de Florença e não voltes.

— Mas Florença é a minha casa — protestou ela. — Tenho aqui a minha vida. Os meus amigos...

— Os amigos não te servem de nada se estiveres na cadeia ou morta — bradou ele.

— Morta? — Ela inclinou-se para a frente na cadeira, preparando-se para fugir.

— Atraíste a atenção de um grupo bem mais perigoso do que os *carabinieri*. De momento, pelo menos, estás a salvo. Quando perceberem quem és, virão atrás de ti.

— Mas eu não roubei as ilustrações, juro!

O intruso soltou uma gargalhada sombria.

— Eles não querem saber de arte, garanto-te. Não, o seu interesse em ti será pessoal.

O corpo de Raven contraiu-se.

— Porquê?

— Quanto menos souberes, melhor.

Ela endireitou-se.

— Não percebo o que podem querer comigo. Não sou nada de especial.

— É nisso que tu te enganas. — O intruso agarrou-lhe o pulso, colhendo-o entre a escuridão como se fosse um fruto baixo numa árvore. Colocou dois dedos no ponto onde se sentia a pulsação e fez pressão.

Raven foi dominada por uma súbita visão de estar amarrada numa cama de hospital, um tubo intravenoso a transferir sangue para o seu corpo. Só que o sangue que fluía pelos tubos era negro.

Com um grito, pôs-se de pé. Agarrou na cadeira da cozinha, lançando-a na direção da voz, antes de se virar para onde julgava estar a porta. Deu apenas dois passos antes de ser agarrada por trás.

Debateu-se, deu pontapés, gritou, mas os braços dele eram como aço. Puxaram-na para trás e ergueram-na, de modo que os pés dela ficaram acima do chão.

— Silêncio! — sibilou.

O coração de Raven batia erraticamente. Tentou inspirar, mas os braços apertavam-na com demasiada força.

— Não consigo... *respirar* — sussurrou com dificuldade, a contorcer-se.

Os braços afrouxaram, mas continuaram a agarrá-la.

Ela inspirou golfadas de ar, a mente a avaliar freneticamente a sua posição. Não era leve, nem mesmo com as suas novas formas. E, mesmo assim, ele erguera o seu corpo de um metro e setenta como se se tratasse de uma boneca. E não parecia estar a fazer nenhum esforço.

— Eu vim aqui para te ajudar — sussurrou. — É assim que tu me pagas?

— O senhor arrombou o meu apartamento. Está a agarrar-me contra a minha vontade! — Tentou arranhar-lhe os braços, mas as suas unhas encontraram tecido do que lhe pareceu ser o casaco de um fato.

— Os outros ter-te-iam matado, só que iam querer brincar contigo primeiro.

— Porque é que sabe tanto a respeito dos outros?

— Porque sou um deles.

Raven imobilizou-se.

O seu coração deteve-se por um segundo, depois começou a martelar com mais força no seu peito. Perguntou-se se ele a iria matar.

Com uma praga, o intruso depositou-a noutra cadeira, que depois arrastou pelo chão até à parede.

Inclinou-se sobre ela, a sua voz a tornar-se um sussurro ameaçador.

— Quer acredites em mim quer não, sou teu aliado. Agora fica quieta, fica calada, ou deixo-te à tua sorte. Compreendes?

Ela anuiu, tentando de novo acalmar a respiração.

— Ótimo.

Foi só então que ocorreu a Raven que ele tinha de a ter visto mover-se, apesar da ausência de luz.

— Tem óculos de visão noturna?

— Eu sou a escuridão tornada visível.

Raven estremeceu.

Ouviu o intruso começar a andar de um lado para o outro pela cozinha.

— Mesmo que evites os outros, não deixarás de estar em perigo. Os *carabinieri* vão andar à procura de um bode expiatório na sua investigação, e tu és a escolha óbvia.

Ela cruzou os braços na cintura.

— Não roubei as ilustrações. Não sei o que me aconteceu na semana passada. Acho que alguém está a tentar incriminar-me.

O intruso parou.

— Posso dar-te dinheiro para voltares para casa. Sai da cidade de comboio e viaja para sul. Apanha um barco para a Grécia. Os serviços da imigração no Piraeus, perto de Atenas, são muito pouco eficazes. Dali podes apanhar um voo de volta para a América. Tens de sair de Florença antes que passem duas semanas. Entretanto, estás em segurança neste apartamento, mas eu evitaria sair durante a noite.

Ela ficou muito quieta.

— Porquê?

— Em parte porque és uma péssima detetive. Foste seguida até ao *palazzo* pela mesma pessoa que está agora sentada do outro lado da *piazza*, a vigiar. Em parte porque os outros vão reparar em ti. Não queiras chamar a atenção deles.

Raven não respondeu. Partir era a única coisa que não queria fazer. Ouviu qualquer coisa a chocalhar e depois ele a aproximar-se.

— Estou a ver que és teimosa, também.

Ele enfiou qualquer coisa metálica e fria à volta do seu pescoço, do

qual estava pendurado algo pesado. Ergueu uma mão e sentiu um crucifixo de metal entre os seios.

— O que é isto?

— É uma relíquia. A partir de agora, tens de a usar sempre. Nunca a tires.

— Pensei que estaria a salvo se saísse de Florença.

— Também há outros na América.

Raven largou o crucifixo, que lhe caiu contra o peito.

— Como é que uma estúpida superstição me pode proteger da Máfia?

Um grunhido emergiu do peito do intruso, e ele agarrou a corrente.

— Os estúpidos humanos não merecem viver. Vou retirar a minha oferta e não te incomodo mais.

Em pânico, Raven fechou a mão sobre a dele.

— Não, por favor. Eu quero-a.

Ele apertou mais a corrente e depois premiu-lha contra o pescoço.

— Quando tiveres tempo para refletir na tua situação, talvez assumas uma postura de gratidão.

— Obrigada — disse ela rapidamente.

— Esta relíquia oferece proteção contra aqueles que te quereriam matar. Ou pior.

— Vai proteger-me de si?

Ela desejou poder retirar as palavras assim que lhe saíram da boca.

O homem largou a corrente.

— A relíquia não tem efeito sobre mim. É melhor que não te esqueças disso, se te sentires tentada a falar com os *carabinieri* sobre o *palazzo* ou a nossa conversa. — O tom dele tornou-se muito áspero. — É melhor que não me tenhas como inimigo.

Ela cerrou os dentes.

— Não lhes digo nada. Prometo.

— Tens duas semanas. Ao fim desse tempo, se ainda aqui estiveres, terás de responder perante mim.

Raven anuiu.

Ele grunhiu outra vez e muita da sua fúria pareceu arrefecer.

— Vou arrepende-me disto. Mas é tarde de mais.

Na escuridão, ela sentiu-o tomar-lhe o rosto entre as mãos. O toque era ligeiro e surpreendentemente gentil.

— A beleza é vã. Aparece e, como o vento, desaparece. Não te esqueças disso. — O polegar dele percorreu-lhe a curva do queixo. — Adeus, Jane.

Antes que Raven pudesse reagir ao som do seu nome legal a sair-lhe dos lábios, ele retirou-se. Ouviu os seus passos ecoarem pelo apartamento e depois o som de uma janela a abrir-se.

Uns segundos mais tarde, as luzes acenderam-se.

Capítulo 10

O príncipe estava num terraço no Gallery Hotel Art, perturbado e zangado. A sua noite não correrá como tinha planeado. Em vez disso, vira-se obrigado a visitar um dos seus mais recentes e graves erros. Um erro que se provava ainda mais atraente do que recordava.

Cassita vulneratus.

Agora a cotovia ferida estava curada, e era ele o vulnerável. Ouvira a verdade na voz dela quando lhe prometera ficar calada, mas ele sabia a facilidade com que os seres humanos podiam ser enganados. A mente daquela rapariga era demasiado forte para ser controlada sem a fazer beber dele. E o príncipe não queria torná-la sua escrava.

Se Maximilian ou Aoibhe a encontrassem...

Estremeceu.

O odor de Jane estava mascarado pelo que ele lhe dera a beber para lhe salvar a vida. Mas, em breve, o seu verdadeiro *vintage* seria detetável. Ele dotara-a com um dos seus objetos mais preciosos, mas sabia que isso poderia tanto atrair atenções como repeli-las. Teria de fazer de anjo da guarda até ela sair da cidade, mas à distância.

Mais uma vez, a visão de uma mulher ensanguentada e violada ardeu-lhe diante dos olhos. E, mais uma vez, resolveu protelar esse resultado.

Independentemente do seu compromisso com Cassita, ainda havia o problema dos Emerson e Vitali. Emerson recebera propriedade roubada anos antes da casa do príncipe, e tornara a coleção pública,

insultando-o e atraindo atenção internacional para as ilustrações. Vitali era cúmplice ao ter instalado a coleção na própria cidade do príncipe.

Mas a mente de Vitali era suscetível à influência, e, por isso, a sua memória de partes da inauguração da exposição fora facilmente apagada. O príncipe não via razão para lhe tirar a vida, apesar do seu envolvimento com os Emerson. Ter o diretor da Uffizi sob o seu controlo apresentava vantagens óbvias.

Restava, contudo, o problema dos Emerson. O nome William York precisava de ser apagado das suas memórias e de qualquer ligação com a galeria Uffizi e o roubo das ilustrações. Mas a mente de Emerson não era possível de controlar, nem a da sua mulher.

Emerson teria de ser morto, e a mulher precisava de ser traumatizada a ponto de perder a memória.

A porta que separava o terraço do quarto estava entreaberta, em consideração, talvez, para com o seu desejo de ar fresco. O príncipe introduziu-se no quarto às escuras. A cama estava apenas a uns curtos passos da porta. Emerson encontrava-se deitado de lado, as costas viradas para o príncipe.

Fechou os olhos e inspirou profundamente.

Reconheceu o odor de Emerson, mas reparou que o cheiro mudara, de certa forma, desde o seu último encontro. Era, certamente, bem mais desejável agora do que antes.

Perguntou-se vagamente o que provocara aquela melhoria.

Naquele momento, dois outros aromas humanos assaltaram as suas narinas, um novo e agradável e um familiar e desagradável. O odor da senhora Emerson mudara desde a última vez que ele estivera na sua presença. Era notavelmente mais doce, mas havia ainda umas notas subjacentes de doença. Quaisquer problemas de saúde que ela tivera antes continuavam presentes. Mas ela aparentava estar saudável. Conseguia ver o seu corpo na cama, aninhado no do marido.

O príncipe refletiu no facto de nunca ter experimentado aquela posição, que parecia encarnar a muda confiança que resultava da intimidade e do amor. Nunca quisera uma tal proximidade com Aoibhe. Quanto às outras...

Sentiu a sua fúria aumentar, à medida que a inveja o dominava. Houvera tempos em que teria feito tudo para ter uma esposa e um filho. Essa possibilidade fora-lhe roubada.

Os seus dentes revelaram-se, um rugido queria escapar-se do seu peito. Emerson tinha riquezas suficientes. Com que necessidade o fora roubar?

O príncipe aproximou-se da cama e ficou surpreendido ao ver uma pequena estrutura no outro lado. Lá dentro, um bebé dormia sob um cobertor cor-de-rosa. Era aquela a fonte do odor novo e agradável.

O príncipe fez um trejeito de aversão, da mesma maneira como alguns humanos recuam perante comer veado.

Parado aos pés da cama, observou os pais. A mulher de Emerson tinha um aroma ligeiro e floral que quase mascarava o da sua doença. Embora admirasse as virtudes que davam origem à sua fragrância, ele considerava-a nauseante.

Ansiava pelo sangue da beldade de cabelos cor de corvo. Ou antes, pelo que fora o seu sangue antes de ele o poluir. Ela cheirava agora a velha arrogância e a escuridão, o seu verdadeiro odor mascarado.

O que mais desejava, porém, era uma mente espirituosa e uma alma nobre. Alguém com quem pudesse falar de arte e beleza. Uma companheira e amante.

Eriçou-se quando se recordou das palavras de Aoibhe. Estava sozinho há demasiado tempo. E acabara de persuadir a mulher que desejava a fugir da cidade, assegurando que ia continuar sozinho para sempre.

— Justiça e piedade — sussurrou.

Gabriel moveu-se na cama e o príncipe fugiu para o terraço.

Viu Emerson sentar-se e olhar em volta do quarto. Viu-o estender a mão para o candeeiro ao lado da cama.

O príncipe desviou-se para não ser visto.

Durante vários momentos, o príncipe esperou enquanto Emerson andava pelo quarto e, com uma praga contida, fechava as portas do terraço, trancando-as por dentro.

Estritamente falando, portas trancadas não impediriam a entrada do príncipe. Mas a existência e presença da criança tinha mudado os seus cálculos.

Enquanto permanecia nas sombras, recordou a primeira vez que vira os Emerson. Ficara impressionado com as virtudes da mulher e decidira não a matar. Emerson, por outro lado, podia ser executado sem hesitação. O facto de ele ter procurado propriedade roubada significava uma sentença de morte.

O príncipe tentou convencer os próprios pés a moverem-se na direção da porta, mas eles não obedeceram.

Ficou atônito ao descobrir que não conseguia matar Emerson na frente da filha, mesmo que não passasse de um bebê.

Alguma coisa acontecera com ele. Alguma coisa mudara.

Talvez tivesse sido Jane a provocá-lo. Ela entrara na sua vida como um cavalo de Troia, levando consigo a piedade. Ele odiava a piedade. Piedade significava fraqueza.

Que outra explicação havia pela sua súbita mudança de ideias? Tal como não suportava a ideia de matar o bebê ou a sua mãe doente, agora parecia incapaz de dar os poucos passos necessários para matar o pai da bebê.

Emerson merecia-o. Merecia a morte, se não pelo pecado do roubo, pelo pecado do orgulho, que ainda tornava o seu sangue acre e persistente. E havia a pequena questão de William York...

O príncipe não podia tolerar qualquer fraqueza em si mesmo. Nem perdoar Gabriel Emerson.

Enquanto descia para o chão, decidiu que ia poupar a vida da mulher e filha de Emerson, ocultando a sua identidade através de qualquer outro meio. Esperaria que Cassita saísse da cidade para depois matar Emerson, quando já não precisasse de temer ler a aversão nos seus olhos verdes.

Maldita piedade.

Capítulo 11

Mesmo antes do nascer do Sol, Raven sentou-se na sua cama e comprimiu uma almofada contra a barriga. Todo o seu apartamento estava banhado de luz elétrica. A porta e as janelas estavam trancadas, bem como as persianas que lhe cobriam as janelas. Um velho alce de peluche que possuía desde a infância estava colocado ao seu lado, como uma sentinela.

Dormira, mas não durante muito tempo. O medo e a ansiedade assolavam-lhe a mente, assombravam-lhe os sonhos.

Quando recuperara do choque, da noite anterior, pensara contactar a polícia. Um olhar pela praça fizera-a mudar de ideias. Vira o homem que rondava ali perto, tal como o intruso dissera.

Não tinha a certeza de quem seria o homem em baixo. Era possível que fosse cúmplice do intruso. Não ia atrair a sua atenção com uma visita da polícia.

O intruso, quem quer que fosse, parecia conhecê-la, ou, pelo menos, passara o dia a segui-la. Sabia que ela trabalhava na Uffizi. Sabia que fora interrogada pelos *carabinieri*. Sabia que visitara o orfanato e a missão franciscana.

E, de alguma forma, sabia da sua visita ao *palazzo*. Não tinha a certeza se ele a tinha visto ou se fora alguém que o informara. Em qualquer caso, ele tinha de ter vindo de carro ou de *Vespa* para o seu apartamento, ganhando preciosos minutos que lhe permitiram entrar no apartamento, cortar a eletricidade e esperar por ela.

Ouvira-o sair do seu apartamento por uma das janelas do quarto.

Assumia que tinha entrado da mesma maneira. Talvez fosse alpinista — isso explicaria como tinha conseguido escalar o prédio e descer para o chão sem se magoar.

Ela costumava trancar as janelas antes de sair de casa. No seu estado de distração daquela manhã, devia ter-se esquecido. Não podia voltar a cometer o mesmo erro.

Se fechasse os olhos, conseguia ouvir a voz do intruso. Embora lhe parecesse familiar, não a conseguia identificar. Mas recordava o seu cheiro.

Isso deve servir-me de muito. O que é que poderia dizer à polícia? Prendam um suspeito e deixem-me cheirá-lo?

Abriu os olhos e olhou para a cómoda. O esboço que fizera na noite anterior desaparecera, o que significava que ele o devia ter levado. Mas porquê?

O portátil e as suas simples peças de joalharia continuavam ali, como se ele não se quisesse dar ao trabalho de os roubar.

A razão podia ser trivial. Talvez ele lhe tivesse roubado o desenho para poder procurar impressões digitais. Não lhe serviriam de nada. Patrick dissera naquela manhã que os investigadores não tinham encontrado impressões digitais na sala de exposições.

A sua bengala estava encostada à parede, junto à cómoda. Não se lembrava de a ver ali antes, mas era possível que não tivesse reparado. Porque haveria o intruso de lhe mexer na bengala?

Para além dessas anomalias, ele deixara presentes.

Depositara uma pilha de dinheiro na sua mesa da cozinha. Quando ela se recompusera a ponto de conseguir contar o dinheiro, descobrira que eram vários milhares de euros.

E deixara-lhe uma outra coisa.

Raven ergueu o crucifixo do peito. Parecia ser feito de ouro; o metal era fino e fora martelado pelo interior para formar uma figura de Jesus. O desenho era primitivo, as feições de Cristo difíceis de distinguir, o que a fazia acreditar que a peça era pré-renascentista, possivelmente medieval.

Cada ponta da cruz tinha dois aros, como se tivesse sido feita para ser presa a qualquer coisa. A corrente parecia muito mais nova que o crucifixo, e também devia ser de ouro.

Percebia alguma coisa de relíquias. Tivera uma educação católica na universidade de Barry, onde fizera o bacharelato. E havia o padre

Kavanaugh, o religioso que a socorrera a ela e a Carolyn, quando tinham tido problemas. O seu amor e respeito pelo padre não se estendiam às suas crenças, e ela não julgava que houvesse nada de eficaz num pedaço de metal, independentemente da forma em que tinha sido moldado.

Não conseguia imaginar porque acreditaria o intruso que um pedaço de ouro a protegeria dos «outros», quem quer que eles fossem.

Também não faz mal usar a cruz, pelo sim pelo não. Talvez funcione porque os outros a temem, não por causa dos seus poderes mágicos.

Mas não vou sair de Florença, depois de trabalhar tanto para construir uma vida aqui. Não me interessa o que ele diz.

Puxou a colcha sobre os ombros.

O intruso era assustador e estranhamente forte. Não havia qualquer ambiguidade na sua ordem para abandonar a cidade, mas ela não percebia porque seria o prazo de duas semanas assim tão importante.

Talvez ele tenha uma fonte na polícia e saiba o que está a acontecer na investigação.

Ele reconheceu o nome do *dottore* Vitali, embora parecesse surpreendido por o ouvir. Mas parecia ser na pessoa de William York que estava mais interessado. Raven achava aquilo desconcertante.

E depois havia o seu discurso. Ele chamara aos franciscanos *Ordo Fratrum Minorum*, o que, descobrira na Internet, era o seu título latino. E desaconselhara-a a não sair depois do escurecer.

Raven não conseguia imaginar o que significava aquele aviso, nem porque lhe dera ele a relíquia. Era um presente estranho. Depois a disposição do homem mudara e ele tocara-a com suavidade.

Mais estranho, chamara-lhe Jane.

O nome legal de Raven só constava no seu passaporte, visto de trabalho e *permesso di soggiorno*, ou «autorização de residência», e todas essas coisas continuavam na sua mochila. Mesmo que lhe tivesse revistado o apartamento, o intruso não teria maneira de descobrir o seu nome.

Mas o nome legal também aparecia na sua ficha de funcionária, por isso era possível que o tivesse sabido através da Uffizi. Raven descartou essa possibilidade, já que toda a gente na galeria a tratava pelo nome que usava e que estava inscrito no seu cartão de segurança. Não era tratada por Jane desde os doze anos.

Então ele tinha de estar relacionado com a galeria ou com a polícia.

Batelli e Savola conheciam o seu nome legal. Mas tinham visto o seu cartão de identificação e sabiam que todos lhe chamavam Raven.

O intruso parecia não querer aproximar-se da polícia, por qualquer razão. De certeza que não soubera o seu nome através de alguém que a conhecesse. Pelo menos, em Itália. Na Florida, as coisas já seriam diferentes.

Sentiu uma punhalada de horror.

E se ele tivesse falado com...

Não conseguiu terminar o pensamento.

Não, não valia a pena pensar nessa possibilidade. A Florida era demasiado longe, bem como qualquer vestígio da sua vida passada. Até os seus diplomas exibiam o nome que escolhera para si. Se abrisse a gaveta de cima da sua cómoda, ele tê-los-ia encontrado, ainda guardados nas suas capas protetoras.

Pôs de lado a colcha e a almofada e foi colocar-se no centro do quarto, a observar tudo o que a rodeava. As gavetas da cómoda estavam fechadas, bem como a porta do roupeiro. Não parecia faltar nada, com exceção do desenho e...

O seu olhar desviou-se para a mesinha de cabeceira, onde estava uma pilha de vários dos seus livros preferidos. Reparou que o volume das obras reunidas de Edgar Allan Poe tinha sido movido do fundo para o topo. *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* tinha sido despromovido para segundo lugar.

Mais uma vez, perguntou-se se, num momento de distração, teria mudado o livro de C.S. Lewis de posição. Não lhe ocorreu perguntar o que teria o intruso contra leões, feiticeiras e/ou guarda-roupas.

Raven esfregou os olhos de frustração. Teria de ir trabalhar dentro de poucas horas, mas estava demasiado perturbada para voltar a dormir.

Com um suspiro de resignação, sentou-se na secretária e abriu o portátil. Ia verificar o seu *email*, coisa que tinha andado a ignorar. Quando acedeu à sua conta, encontrou uma série de mensagens novas, incluindo uma da irmã.

Oi, Rave,

Tentei falar contigo pelo FaceTime, mas não me respondeste.

Andas a evitar-me?

O casamento da mamã foi lindo. Que pena não teres vindo.
O Stephen é mesmo simpático. Era cirurgião plástico, mas já está reformado. Ele e a mãe mudaram-se para uma casa enorme perto da praia.

Raven fez uma pausa na leitura para revirar os olhos.

Uma vez que não respondes aos *mails* da mamã, ela pediu-me para te dizer para vires passar os teus anos a casa. Ela paga-te o bilhete e podes ficar comigo e com o Dan. Já te disse que estamos a viver juntos? Não me lembro.

A mãe quer que conheças o Stephen e os filhos dele. São mais velhos do que nós, e já têm as suas próprias famílias. O filho é médico e a filha é dentista.

Vem passar uns dias connosco. Temos muitas saudades tuas. Podemos celebrar o teu aniversário e eu levo-te aos sítios mais fixes em Miami.

Já não vês a mãe há anos e acho que está na altura de ultrapassarem as coisas. Gosto bastante do Stephen e ele faz a mãe feliz. Acho que também vais gostar dele, se lhe deres uma oportunidade.

O Dan está a planear levar-me à Europa quando fizermos dois anos de namoro. Estou com esperança de ir a meio de junho. Ficamos num hotel, claro, mas gostava de te ir visitar a Florença. Mas, quer consigamos ir quer não, gostava que viesses na mesma a Miami.

Ei, o que é que aconteceu àquele tipo de quem gostavas? Não me lembro do nome. Chegaste a convidá-lo para sair?

Diz qualquer coisa.

Beijos

Cara

Raven recostou-se na cadeira, resistindo à vontade de enviar uma resposta tensa e zangada.

Adorava a irmã mais do que qualquer outra pessoa no mundo, mas elas tinham vivido vidas radicalmente diferentes. Carolyn era sete anos mais nova, por isso não se lembrava do pai de ambas nem da vida feliz que tinham tido em New Hampshire. E claro que não se lembrava do acidente.

Raven ficou um momento a pensar na forma como a sua mente se agarrava sempre a um eufemismo quando recordava o evento que causara a sua incapacidade. Fletiu o pé debaixo da secretária, lembrando-se de que, independentemente do que lhe chamasse, os seus efeitos tinham desaparecido. Esse facto deixou-a mais predisposta para com a mãe, mas um pouco, apenas.

Quando Carolyn tinha idade suficiente, Raven contara-lhe o que acontecera. Carolyn ouvira-a com atenção, é certo. Mas as suas memórias divergiam em tanto do relato de Raven que tivera dificuldade em acreditar.

A um determinado nível, Raven via a falta de memória de Carolyn como uma coisa boa, por isso não remoía o assunto. Permanecia em silêncio, mesmo perante a história revisionista da mãe de ambas.

Mas recusava-se a ver a mãe, a falar com ela, a estar na mesma sala que ela, enquanto a mãe não reconhecesse a verdade. O que significava que não estava com a mãe desde que saíra de casa para ir para a faculdade, dez anos antes.

Quanto às perguntas de Carolyn sobre a sua antiga paixão por Bruno, que era o neto da vizinha, bem, claro que não dera em nada. Quase já tinha esquecido o assunto, tendo em conta os eventos daquele dia.

Olá, Cara,
Que bom ter notícias tuas.
Vou pensar na minha ida a Miami, mas, se for, pago o meu bilhete.
Não vou ver a mãe. Ela sabe porquê. Não vale a pena entrarmos por aí.
Quanto à tua visita, seria ótimo ver-te. Mas estou mesmo muito ocupada, neste momento. Falamos disso mais tarde, está bem?
Estou atolada em trabalho.

Adoro-te,
Rave

Raven enviou o *email* e fechou o portátil, não se dando ao trabalho de ver o resto da sua caixa de entrada.

Foi para a casa de banho, pondo de parte os pensamentos sobre a sua perturbada vida familiar.

Perguntou-se porque se interessaria por ela um anónimo grupo de pessoas. Não ia abandonar tudo o que tanto se esforçara por alcançar só porque um enigmático criminoso com ligações a uma associação secreta a mandara sair da cidade.

Irritou-se ao recordar o que o intruso lhe dissera sobre as suas competências como detetive. Ia duplicar os esforços para investigar William York e o *palazzo* Riccardi, e, com sorte, descobriria qualquer coisa que convencesse a polícia de que não era cúmplice no assalto à Uffizi.

Enquanto escovava os dentes, começou a formular um plano. Ia guardar os euros numa caixa de sapatos, por enquanto; depois poderia doá-lo à missão franciscana.

Cuspiu a pasta de dentes e viu-se ao espelho. Ainda era difícil aceitar que a mulher atraente ali refletida era real.

O seu olhar descaiu para a relíquia que tinha ao pescoço. Teria de a esconder debaixo das roupas. Soltou alguns expletivos escolhidos e foi-se vestir.

Capítulo 12

— Já te disse, esta é a altura certa! — Maximilian ergueu a voz, a sua figura imponente a avançar na escuridão que precede a aurora.

No cimo do *palazzo* Vecchio, Max discutia com outro membro dos da sua raça, que ergueu uma mão para o acalmar.

— Paciência.

— Já fomos suficientemente pacientes. Eu digo que temos de o matar hoje mesmo.

A outra criatura suspirou dramaticamente.

— Não aprendeste nada com os venezianos? Será preciso mais do que nós os dois para o derrubar, particularmente se ele estiver com algum dos outros.

Maximilian desembainhou a espada.

— Não somos propriamente novos. Quem disse que os outros o vão defender? O mais provável é que estejam tão ansiosos de assumir o poder como nós.

— É precisamente por isso que precisamos de estar confiantes das nossas alianças. Não é altura para ter pressa, em particular quando se está em risco de perder a calma. Isso torna-te imprudente, Max, coisa que não podes ser quando lidas com o príncipe. Ele é mais poderoso do que tu imaginas.

Max praguejou, a agitar a espada pelo ar.

— Não concordo.

— Então és louco. Nem eu conheço toda a extensão do seu poder. Não quero descobri-la só para ficar sem cabeça.

— Teremos de esperar que expirem os seus mil anos?

— Não sejas pessimista. Cometi um erro ao aliar-me aos venezianos. Agora estou a cultivar outros parceiros, parceiros mais fortes. E há sempre os selvagens, e os caçadores.

Max voltou a embainhar a espada.

— Agora estás a dizer disparates. Os selvagens são impossíveis de controlar. E porque é que queres trabalhar com os caçadores?

A outra criatura sorriu lentamente.

— O príncipe é antigo. Os caçadores terão todo o gosto em ficar com o seu sangue. Provavelmente até assinariam um tratado garantindo que deixariam a cidade em paz se lho entregássemos. As nossas fronteiras têm-se mostrado um pouco porosas, nos últimos tempos. Se um bando de selvagens aparecesse, provocaria o caos. O Consilium responsabilizaria o príncipe. Já para não mencionar que o nosso nobre príncipe cometeu alguns erros, recentemente... erros que ameaçam expô-lo.

Max acariciou o punho da espada com a enorme manápula.

— O Consilium está cheio de aliados do príncipe.

— E de rivais. Eles sabem que o seu reinado não vai durar para sempre. A única coisa que lhes falta é um líder disposto a depô-lo e um pouco de motivação. Sê paciente, Max. Em breve, a cidade será nossa.